

Género: Lendas

Subgénero

Lendas etiológicas

Tema

Animais

1

Lado A

Cassete nº6/2011/Elisabete Reis

Classificação: Lenda etiológica

Título: [O pardal]¹

Informante: Joaquim Agostinho Andrade

Idade: 79 anos

Naturalidade: S. Brás de Alportel

Profissão: Pedreiro [reformado]

Habilitações literárias: 3ª classe e a 4ª fez em adulto

Residência: Quarteira

Local da recolha: Baceladas, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro,

Data da recolha: 10/07/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Quando Deus andava pelo mundo, Deus foi fazer uma, uma reunião e deixou o filho a guardar nos pardais, que tinha debulhado um, uma eirada e não houve vento para, para limpar. O trigo estava todo no meio da eira. E os pássaros iam lá comer. E, depois, Jesus [Deus] disse ao Deus menino para ele ficar guardando o trigo para os pardais não irem comer o trigo e o menino, como era menino, juntaram-se os outros meninos e foram para a brincadeira e esqueceu-se dos pardais. Os pardais foram a caminho do, do trigo, estavam na eira a comerem quando Deus Nosso Senhor chegou, viu os pardais a comerem. Bradou pelo filho, o filho estava a brincar com os outros rapazes. Disse:

- Então, não guardaste os pardais?

- Pois eu fui brincar e coiso...

Diz ele assim:

- Então, deixa, pois a partir de agora em diante os pardais já não andam mais!

¹ Embora aqui acrescentada com um final que a torna uma lenda etiológica, na tradição oral portuguesa esta narrativa costuma ser (sem o dito final e com a inclusão duma cena com um ato sobrenatural feito pelo menino) uma lenda sagrada sobre a infância de Santo António: o chamado “Milagre dos passarinhos” (ver <http://www.lendarium.org/narrative/milagres-de-santo-antonio/?category=24>, a partir de “Em outro dia havia nos arredores de Lisboa...”).

E assim foi. Os pardais desde aí nunca mais andaram. Só andam aos saltinhos, só dão saltos. Os pardais nunca andam, é só aos saltos, aos saltos de pés juntos. Foi Deus Nosso Senhor é que os castigou, não os deixou mais andar para não irem a caminho do trigo.

Coletora: E acredita assim nesta história? É por isso que os pardais não...

Informante: Pois, eles andam então peados, alguma coisa foi.

Coletora: E você acredita... e você acredita que há castigo, que Deus castiga as pessoas, os animais...

Informante: Deus não castiga, Deus só faz ver a força que ele tinha, a natureza que deu a, o poder para ele fazer ver que ele é quem mandava.

[...]

Coletora: Tinha-lhe perguntado se era justo dar castigo? Acha que é justo dar-se castigo?

Informante: Não, não, não. Não é castigo é penitência... é punir.

Coletora: Punir...

Informante: Uma, uma pessoa que faz mal ou desobedece o que lhe dizem é penitência.

Coletora: E quem é que deve de dar isso? Quem deve de fazer isso? Nós, as pessoas ou, ou Deus?

Informante: É Deus é que tem a... Deus não gosta de castigo, mas faz perceber o que não se deve fazer.

2

Lado A

Cassete nº1/2004/Daniel Costa

Classificação: Lenda etiológica

Título: [O javali]

Informante: Olívia Galante

Idade: 45 anos

Naturalidade: Porto

Data da recolha: 25/04/2004

Local da recolha: Faro

Coletor: Daniel Gonçalo Batalha da Costa

Transcrição:

A história que vou contar, agora, é a história da, da origem de como se tornaram os javalis em animais selvagens. Portanto, conta a história, que no tempo em que Jesus andava na terra e nas suas excursões feitas a várias terras, no caminho que ia com S. Pedro encontrou quatro bacorinhos, que pareciam estar perdidos. Jesus disse a S. Pedro que os tomasse e que os levasse, porque não tinham dono. S. Pedro como é providente logo se preocupou em atar um baracinho, um baracinho a cada uma das patas dos porquinhos, para que eles não fugissem. E lá foram caminhando até que chegaram perto de uma aldeia, e encontraram uma mulher a quem propuseram um negócio. S. Pedro propôs que a mulher criasse os quatro bacorinhos, durante um ano e que na passagem quando voltassem por aquela terra logo fariam as partilhas.

Portanto, assim foi, a mulher aceitou o negócio e lá ficou com os quatro bacoritos em casa. E S. Pedro e Jesus continuaram a sua peregrinação. Havia já passado um ano quando a mulher de repente avista ao longe o divino Mestre e S. Pedro e logo corre a casa a esconder dois dos bacorinhos, os mais gordinhos. Claro está!

Ah, S. Pedro chega, chega à porta da casa, bate à porta e a mulher logo vem muito, muito afável e logo lhe diz, que, que tinha ali os, os dois porquinhos bem gordinhos, bem, bem lustrosos, para fazerem a partilha, mas que tinha muita pena porque os outros dois lhes tinham dado um ar e coitados tinham morrido. S. Pedro já crente, queria acreditar, mas Jesus que tudo sabia, que tudo via logo disse para a mulher:

- Estes dois que aqui estão

Teus e nossos serão.
Quanto aos outros dois, lá fechados estão,
Por essas serras irão
E em feras se tornarão.

E foi assim que a partir daí os porcos viraram javalis.

3

Lado A/ B

Cassete nº1/2003/Paula Almeida

Classificação: Lenda etiológica

Título: [O cão da Serra da Estrela]

Informante: Maria Filomena Faísca Anastácio Ferreira

Idade: 58 anos

Naturalidade: Castro Marim

Profissão: Professora

Residência: Faro

[Habilitações literárias: Licenciatura]

Data da recolha: 30/01/2003

Coletora: Paula Maria Santos Almeida

Transcrição:

Conta-se que, como foi normal durante tantos e tantos séculos, as meninas começavam muito cedo a levar os rebanhos para a serra. E havia, numa aldeia, próxima da Guarda, uma menina, coitadinha, que, desde os cinco anos, que ela, todas as manhãs, com uma cestinha com o farnel, partia para o cimo da serra, com o rebanho.

Não há dúvida nenhuma que ela pobrezinha, pois passava muito frio, e tal como outros pastorinhos, procuravam sempre lugares aonde, quando o frio fosse muito ou quando começasse a nevar, eles pudessem recolher. E a verdade é que esta menina, ela já tinha encontrado um lugarzinho aonde se abrigar. Numa rocha ela abrigava-se, não é verdade? E tantas vezes ela tinha entrado para dentro dessa rocha, com as ovelhinhas que até já tinha um espaço muito grande dentro da rocha. Ela própria tinha feito ali como que o seu esconderijo.

Foi crescendo e ela já estava com doze anos. Por conseguinte, a menina já levava sete anos de andar a pastorear, a pastorear ali o rebanho e quando ela estava com os seus doze aninhos. Tal como tinha acontecido nos anos anteriores quando havia muita chuva ou caía muita neve, ela tocava um apitozinho que ela própria tinha feito com uma cana e as ovelhinhas vinham ter com ela e ela metia-se ali.

E um belo dia, isso aconteceu. Começou realmente a levantar-se uma tempestade muito grande, um temporal muito grande e ela coitadinha, veio para dentro da, da gruta

com as suas ovelhas, até que a tempestade passasse. Quando a menina estava já lá dentro, toda aconchegadinha, sempre olhando para a porta e as ovelhas ali de volta dela, ela ouviu uns rumores lá fora. E o que é que ela vê? Um lobo que estava a olhar para dentro da, da, da, da gruta. A miúda fica aterrada, vê o lobo, o lobo olhava para ela, olhava para as ovelhas com um ar ameaçador e o pior é que, quando ela vê atrás do lobo uma alcateia. Ele era o chefe de uma alcateia. A miúda não teve nada para se defender. Não teve absolutamente nada e a menina fica horrorizada. Há uma ovelha que está mais próxima da entrada. Quando pressente o lobo começa a balir. Entretanto há um outro lobo que entra e abocanha uma, uma cria, um carneirinho pequenino. Abocanhou-o e fugiu com ele na boca e, nesta altura, o lobo grande entra-lhe dentro da gruta. A miúda começa a gritar:

- Valha-me Nossa Senhora! Valha-me Nossa Senhora! Valha-me Nossa Senhora! Porque, em gera, estes pastorinhos eram muito religiosos, porque ainda havia aquela ideia de que, se eu rezar muito a Nossa Senhora a tempestade vai-se embora, pronto vai deixar de chover, pronto e as criancinhas, umas delas, rezavam mesmo pelos dedinhos, havia outras que já tinham os seus terçoelhos, e ela coitadita, pronto, porque estava habituada a sempre, numa grande aflição, a rezar. A miúda começou a gritar:

- Valha-me Nossa Senhora! Valha-me Nossa Senhora!

E quando ela realmente está a gritar, ela sente mesmo o bafô do lobo nas proximidades dela e a miúda põe as duas mãozinhas postas e desmaiou, caiu.

Quando a menina, a menina caiu, desmaia, só que quando a muda começa a vir a si, sente uma coisa a lambe-lhe os pezinhos. A miúda abre os olhos e vê aquele grande e corpulento lobo deitado ao pé dela e lavando-lhe os pés com a língua. A miúda nem sequer mexer. Está aterrorizada. Olha lá para fora e vê n olhos de lobos lá fora e continua um lobo com o cabritinho na boca.

A miúda vai quase que a desmaiar outra vez: Mas o que é que ela continua a sentir? Que o animal, o lobo grande, continua a lavar-lhe, a lavar-lhe, a lavar-lhe os pezinhos. E ela aí joga a mão à cabeça do lobo. Ao jogar a mão à cabeça do lobo o lobo lambe-lhe a mão e ela fica com a mão estendida e ele ainda lhe continua a lambe a mão. Então a miúda, como que tem uma certa coragem, começa a levantar-se. O lobo olha para ela, dá meia volta, vai até à, à entrada da, da gruta. Todos os outros lobos foram-se embora, todos se foram embora. O que tinha o borreguinho na, na boca deposita o borreguinho no chão e esse grande lobo agarra nas costas do borreguinho, entra com ele e vai pô-lo ao pé da menina.

A menina, coitadinha, não sabe o que é que há de fazer. Ela olha para o lobo, o borreguinho está tonto, completamente tonto. Ela joga-se ao borreguinho, por conseguinte, acarinha o borreguinho, esfregando o bichinho e o lobo sempre a olhar para ela. Entretanto ela vê que já não está lobos mais nenhum lá fora. Só está aquele. Os olhos do lobo, para ela, parecem uns olhos, vá lá, de uma pessoa que está ali para ajudá-la, não para a ir comer; e aliás, ele deu provas, tanto que lambeu-lhe os pés e as mãos. E, entretanto, as ovelhinhas, à medida que sentiram que os outros lobos se foram embora, que tinha parado de chover, elas começam a sair. E a menina, agarrada à, à, à ovelhinha, vem para fora e o lobo atrás dela.

A menina não tem coragem de fazer nada mas, entretanto, o lobo sempre, sempre, sempre a segui-la. A miúda começa a descer a serra, para ir a caminho da casinha dela e o lobo sempre, sempre, sempre a acompanhá-la. A menina olhava para trás e não via lobos nenhuns. Ela teve que chegar a uma conclusão: isto é um milagre.

E quando a miúda chega próximo da aldeia, imediatamente os homens gritam:

- Tens lobo aí!

E ela põe a mãozinha em cima do lobo e diz:

- Não, não o matem porque ele salvou-me.

E depois ela contou a história.

A partir daí, enquanto a menina, ou melhor dito, enquanto o lobo viveu, ele foi sempre um grande companheiro da menina. Mais tarde houve uma altura, diz a lenda, que ele desapareceu. A menina já chorava por ele, não sabia o que tinha sido feito dele e quando ele regressou trazia uma série de filhotes pequeninos com ele, os tais ditos cãezinhos que depois começaram a fazer crias.

Tema

Topónimos

4

Lado A

Cassete nº1/2003/Paula Almeida

Classificação: Lenda etiológica

Título: [Boliqeime]

Informante: [...] Alice²

Idade: 47 anos

Residência: Brancanes, Olhão, freguesia de Quelfes

Aprendeu com uma professora no tempo de escola

Local da recolha: Faro

Data da recolha: 28/01/2003

Coletora: Paula Maria Santos Almeida

Transcrição:

Era assim, as pessoas faziam os bolos e depois davam às crianças e as crianças diziam:

- O bolo queima, o bolo queima!

E então puseram Boliqeime.

² Não se entende na gravação o nome completo da informante.

5

Lado A

Cassete nº1/2002/Ana Isabel Fernandes

Classificação: Lenda etiológica

Título: [Cartaxo]

Informante: Marisa da Silva Fróis

Idade: 19 anos

Naturalidade: Rio Maior, concelho de Rio Maior, distrito de Santarém

Profissão: Estudante da Universidade do Algarve – Curso de Línguas e Literaturas Modernas (Português/ Espanhol), 2º ano

Local da recolha: Faro

Data da recolha: 28/12/2002

Coletora: Ana Isabel Ledesma Fernandes

Transcrição:

Depois... há também... lembro-me, agora, também, de uma, de uma, de uma história que tem... que tem a ver com a origem do nome de uma terra, também próxima de Rio Maior que também é, faz parte do Ribatejo, que é o Cartaxo.

O nome de Cartaxo vem precisamente de um pássaro que, que existia na, na zona... abundantemente. Que hoje penso que já é muito raro ou, senão mesmo... já não se vê mesmo... talvez, as pessoas mais antigas, lá está... as pessoas mais antigas, provavelmente, lembrar-se-ão. E então também... o que ajudou, ao longo do tempo, foi precisamente... uma rainha que conhecia o pássaro. E ajudou também a que... essa, a terra ficasse com o nome do pássaro. [Então o passarito deu o nome à... - questiona a coletora]. O pássaro deu, precisamente, o nome à terra.

Informante: As lendas e histórias e pequenas narrativas que se contam são... foram-me transmitidas, geralmente, pelas pessoas mais velhas, algumas pelos pais, outras por tios e há outras ainda que foram transmitidas de pais para filhos, etc... mas que me foram transmitidas por pessoas mais velhas.

6

Lado A

Cassete nº1/2002/Ana Isabel Fernandes

Classificação: Lenda etiológica

Título: [Freiria]

Informante: Marisa da Silva Fróis

Idade: 19 anos

Naturalidade: Rio Maior, concelho de Rio Maior, distrito de Santarém

Profissão: Estudante da Universidade do Algarve – Curso de Línguas e Literaturas Modernas (Português/ Espanhol), 2º ano

Local da recolha: Faro

Data da recolha: 28/12/2002

Coletora: Ana Isabel Ledesma Fernandes

Transcrição:

Depois, também a ver com o nome de uma terra, da origem do nome de uma terra, um pouco mais pequena, que faz parte do concelho de Rio Maior, que é a Freiria. É a... isso vem do facto de haver lá um convento, em que... uma freira, uma vez, perdeu-se e toda a gente à procura dela... repetiam: “Aonde a freira iria? Onde a freira iria?”, ou seja, ficou a Freiria.

Informante: As lendas e histórias e pequenas narrativas que se contam são... foram-me transmitidas, geralmente, pelas pessoas mais velhas, algumas pelos pais, outras por tios e há outras ainda que foram transmitidas de pais para filhos, etc, mas que me foram transmitidas por pessoas mais velhas.

7

Lado B

Cassete nº1/2003/Paula Almeida

Classificação: Lenda etiológica

Título: [Miragaia]

Informante: Maria Filomena Faísca Anastácio Ferreira

Idade: 58 anos

Naturalidade: Castro Marim

Profissão: Professora

[Habilitações Literárias: Licenciatura]

Residência: Faro

Local da recolha: Faro

Data da recolha: 30/01/2003

Coletora: Paula Maria Santos Almeida

Transcrição:

A filha do Emir, senhor, por conseguinte, da, da cidade do Porto, onde hoje é a cidade do Porto, ela tinha-se apaixonado por um cristão e ela chamava-se Gaia, a menina chamava-se Gaia e entretanto o pai não quis, nem pensar, que a filha se pudesse ligar a um cristão e obrigou-a a casar com um senhor, também das terras ali de Santa Maria, que eram ali as terras de Vila Feira, que era um outro... Santa Maria da Feira, que era um outro árabe rico e poderoso, mas muito velho. E obrigou Gaia a casar com esse senhor velho; só que Gaia vivia muito infeliz. Realmente, ela não gostava dele; ela só gostava do tal cristão que várias vezes ele passava no Douro para que ela, das muralhas o visse.

Ela, numa das vezes que pôde fugir, porque tinha uma aia que facilitava-lhe a fuga, ele ter-lhe-ia dito, ter-lhe-ia confessado que, num determinado dia, estavam a pensar fazer um assalto, mas que tinham que ter alguém que facilitasse a abertura da porta principal e Gaia prometeu fazê-lo. Claro que o marido apercebeu-se, quando começaram a entrar as tropas cristãs, de que Gaia é que podia ter facilitado tudo, porque a viu numa das muralhas.

Ele dá o grito aos árabes para todos fugirem para dentro dos barcos que estão no Douro e ele, ao fugir, agarra na mulher e trá-la com ele. Obrigou-a a entrar dentro de um

barco e, então, já a cidade do Porto, dominada pelos cristãos; Gaia está à saída da Foz, logo na outra margem, que é, pronto, Gaia, hoje; está dentro do barco e, então no cimo das muralhas, está o cristão e ela, coitadinha, está agarrada pelo marido, dentro do barco. E ele olhou para ela e ela ainda olha para a muralha e vê o cristão, a quem ela tinha facilitado a abertura da muralha.

E, então, ele diz-lhe:

- Mira, Gaia.

Por isso é que tem a tal Miragaia, aquela terra que é ali mesmo em baixo, Miragaia.

- Que esses teus lindos olhos não mais terão que mirar; além, naquelas muralhas, uns outros te vão chorar.

E cortou-lhe a cabeça a ela, e a cabeça dela caiu para a zona onde hoje é Miragaia.

8

Lado B

Cassete nº1/2003/Paula Almeida

Classificação: Lenda etiológica

Título: [Santa Iria]³

Informante: Maria Filomena Faísca Anastácio Ferreira

Idade: 58 anos

Naturalidade: Castro Marim

Profissão: Professora

[Habilitações literárias: Licenciatura]

Residência: Faro

Data da recolha: 30/01/2003

Coletora: Paula Maria Santos Almeida

Transcrição:

Aqui de Faro ainda temos outra lenda, que é a lenda de Santa Iria, por que é que muitas vezes a feira que se faz no dia vinte de Outubro, que é aquela feira que antigamente se fazia no largo de S. Francisco, depois deixou-se de fazer, agora voltou-se outra vez a fazer no largo de S. Francisco. Lá quase em frente aonde está, da igreja de S. Francisco e agora a escola de Hotelaria, porque dantes era aí um quartel. Está ligado a Iria era filha de um mouro, quando Afonso III conquistou Faro e esta menina, ao que parece, esta Santa Iria, ela teria, pobrezinha, diz a lenda, que ela gostava de um cristão e que teria aberto as portas da cidade de Faro, facilitando a entrada dos cristãos. E de imediato ela foi morta, foi degolada. De modo que Santa Iria foi degolada.

A partir daí fizeram-na padroeira da cidade de Faro. Sim, depois mais tarde é que puseram, era S. Iria, na bandeira primeiro estava S. Iria, depois mais tarde é que, pronto, é que puseram depois por cima do, do arco da vila é S. Gonçalo, que tem ali, por cima do arco da vila é S. Gonçalo, tem ali duas pombas ao lado tanto que se vê, mas S. Iria era a padroeira aqui de Faro. Por isso, é que é a feira de S. Iria.

³ Este texto é uma versão da lenda que se costuma contar sobre a vila de Moura. Ver por exemplo: www.lendarium.org/narrative/a-moura-saluquia/ (consultado a 07/10/2012).

Tema

Natureza

9

Lado A

Cassete nº1/2004/Daniel Costa

Classificação: Lenda etiológica

Título: [O milho]

Informante: Olívia Galante

Idade: 45 anos

Naturalidade: Porto

Data da recolha: 25/04/2004

Local da recolha: Faro

Coletor: Daniel Gonçalo Batalha da Costa

Transcrição:

Bom, e por fim, vou contar então mais uma história. Esta também sobre a origem do milho. Portanto nas suas andanças Jesus com S. Pedro, fez um comentário com S. Pedro, e disse que aquele ano ia de ser um ano de muito, muitos fracos recursos, que aquilo que se pusesse à terra pouco daria. Portanto, coitados dos lavradores. S. Pedro ouvindo isto de Cristo e tendo um compadre por quem tinha grande amizade, logo correu a dizer ao compadre:

- Ah! Este ano não vale a pena semear, porque o que se puser à terra nada se tira.

E o compadre assim fez, porque também acreditava naquilo que S. Pedro dizia. Ora chegou a época da colheita, foram tentar colher o trigo que tinham semeado, e os que tinham semeado trigo pouco colheram, mas sempre colheram alguma coisa.

Ora, o pobre do compadre do S. Pedro que nada tinha colhido... semeado, nada pode colher, e lamentou-se a S. Pedro e disse:

- Ah, então afinal, o compadre disse-me que não semeasse, que a terra não ia dar nada, mas os meus colegas, os outros lavradores, que sempre semearam alguma coisa, pouco colheram, mas alguma coisa [eles] colheram. E eu? Que nada colhi e nada tenho para comer. S. Pedro ficou numa tristeza porque se sentiu culpado por ter induzido o homem a, a não semear. E começou a pensar como seria na realidade a vida daquele homem, com tanta fome, e lamentou-se e quase que suplicando a Jesus e disse:

- Ó divino mestre, lembra-se do comentário que fez comigo, que este ano a terra nada daria? Ora eu disse ao meu compadre que não semeasse, que não valia a pena.

E Jesus repreendeu-o e disse, que tinha dito é que em proporção ao que semeasse pouco se colheria, mas que alguma coisa se colheria. Bom, mas também tomado de pena de S. Pedro lá resolveu dar-lhe uma solução. E disse a S. Pedro:

- Diz lá ao teu compadre que vá à, à ribeira e que joeire em areia a quantidade e que ele ache necessário de farinha para, para matar a fome durante um ano. Portanto, teria ele que guardar areia na quantidade como se, como se de farinha se trata-se. O homem lá foi, joeirou aquilo que achou a quantidade necessária para poder viver, comer durante um ano. E Jesus depois desta operação abençoou e aquela areia transformou-se em farinha de milho, e disse ainda que os colegas, os outros lavradores espantados com aquela farinha que para eles era nova e era novidade, todos iriam querer trocar uma parte da farinha de trigo por essa farinha nova e assim aconteceu.

Portanto, um outro lavrador que nada tinha semeado conseguiu arrecadar farinha de trigo suficiente para poder cozer pão durante todo ano, e também ainda ficou com alguma farinha de milho. E é por isso que ainda hoje o milho é implantado em zonas de terra húmida e areosa, e a farinha de milho é também ela muito granulada, que imita e faz lembrar se pensarmos bem os pequenos grãos de areia.

Pronto, esta foi a história do, do início da origem da farinha do milho, dos grãos de milho.

10

Lado A

Cassete nº1/2004/Daniel Costa⁴

Classificação: Lenda etiológica

Título: [O carácter salgado do mar]

Informante: Olívia Galante

Idade: 45 anos

Naturalidade: Porto

Data da recolha: 21/01/2004⁵

Local da recolha: Faro

Coletor: Daniel Gonçalo Batalha da Costa

Transcrição:

A história que eu vou contar é uma história antiga. Eu sou da área do Douro Litoral e foi-me contada pelo meu avô e a minha avó quando era... e a minha mãe também, quando eu era pequena. Era uma das muitas histórias que a minha mãe nos contava. E é a história segundo a qual ficamos a saber por que é que o mar é salgado, é a justificação do, do sal que existe no mar.

A história começava com dois irmãos, há muitos, muitos, muitos anos, que viviam numa aldeia, e um deles era rico, tinha uma boa vida, e o outro era pobre. Era pobre e como se não chegasse a pobreza, era casado com uma mulher má, uma mulher insatisfeita com a vida. Certo que sempre que o pobre do desgraçado precisava de ajuda recorria ao amparo do irmão, que prontamente o ajudava. O irmão era rico, porque nas terras que o irmão tinha, tinha uma mina de salitre e, nessa altura, o sal tinha um valor grande, portanto conseguia fazer fortuna vendendo o salitre, para depois se poder salgar os alimentos.

Uma, uma das muitas vezes que o pobre recorreu ao irmão rico, este deu-lhe metade de uma carcaça dum animal. O pobre desgraçado chegou a casa com a metade da carcaça e a mulher desdenhou da carcaça disse que não queria a carne em casa, o melhor era pegar a carne e levá-la ao diabo. E o homenzito, como era uma paz de alma,

⁴ Na gravação e no código da cassete, o coletor em vez de dizer o seu nome, diz o nome da informante.

⁵ O coletor, no início da gravação, diz a data de 21/01/2004 e, no fim da gravação da informante, diz outra data: 21/02/2004.

pegou na carcaça às costas e lá foi à procura do inferno para fazer a entrega da carcaça ao diabo. Andou, andou, andou, até que encontrou um pobre de um homem de aparência pobre, debaixo de uma árvore e lhe perguntou:

— Ó senhor, diga-me lá, onde fica o inferno? Quero lá levar esta carne.

E o pobre disse-lhe:

— Olhe, vá em frente, caminhe em frente. Há de encontrar um portão de ferro, quando lá chegar bata. Vão mandá-lo entrar, mas não entre, entregue a carne e espere que lhe deem a recompensa. O diabo vai-lhe perguntar o que é que você quer, se quer dinheiro. O senhor não queira nada, peça só um moinho velho que está por detrás do portão, um moinho pequenino, velho, que lá está. O diabo que lho dê.

O homem pôs-se a caminho. Andou, andou, andou, até que chegou ao dito portão. Bateu e tudo aconteceu como o velho tinha contado.

Vinha o homem já de regresso com o moinho pequenino, insignificante e a pensar que utilidade é que podia ter semelhante coisa, tão pequena, tão velha, para que é que aquilo serviria. Ao chegar novamente ao sítio onde estava o velho que lhe tinha dado a indicação, perguntou-lhe:

— Ó homem, diga-me lá: mas para que é que serve isto?

E ele disse:

— Ah, esse moinho é um moinho muito bom, porque basta você dizer “Moinho do diabo, dá-me pão” e ele começa a fazer pão.

E, efetivamente, quando ele disse “O moinho do diabo dá-me pão”, muito pão apareceu logo.

E disse-lhe:

— Mas não se esqueça: depois tem que dizer “Moinho do diabo, para”, para o moinho parar. E pode pedir pão, pode pedir dinheiro, pode pedir ouro, pode pedir o que quiser, e o moinho tudo lhe dará.

Pronto, o homem diz que foi, foi contentíssimo, porque levava um, um objeto de grande valor. E chegou a casa, e a mulher mais uma vez continuou a desdenhar:

— Ó pá, para que é que serve isso? Uma porcaria, tudo velho e tal.

— Ai, mulher, isto é muito bom. Queres ver?

E vá de dizer “Moinho do diabo, dá-me pão” e imediatamente o moinho começou a fabricar pão de muito boa qualidade, de farinha branca e a mulher começou a gritar:

— Para! Para, que já não quero tanto pão! Para que é que eu quero tanto pão!?

E o homem começou:

— Moinho do diabo, para!

E o moinho parou.

Com um objeto daqueles em casa, depressa o homem se tornou um homem rico. E vivia muito bem.

O irmão, que era rico, de repente ficou com a mina... a mina acabou, sem que nada o fizesse suspeitar que iria acontecer. De modo que o coitado tinha uma, uma encomenda de salitre para enviar e não tinha como acabar. E pediu ao irmão se lhe emprestava o moinho, para acabar de fazer o montante da encomenda, para poder receber o dinheiro. E o irmão imediatamente acedeu.

De modo que tomou... O lugar onde iam levar o salitre era muito longe, iam de barco. Puseram-se dentro do barco e pensaram: “Ah! O melhor é levar o moinho. A caminho a gente pede para fazer o sal e o moinho logo faz”. E lá foram.

Quando estavam já perto do sítio onde teriam que fazer a entrega, diz um dos homens:

— Moinho do diabo, dá-nos sal!

E o moinho começou a fazer sal. Fez sal, fez sal, fez sal, e de repente já a barcaça estava cheia de sal e começaram:

— Para! Para! Já chega! Não quero mais!

E o moinho nada, continuava a trabalhar e a fazer sal. E ele:

— Para! Para! Para! Para!

E não há meio de o moinho parar. Ora eles, logicamente, não tinham dito a palavra mágica, que era “Moinho do diabo, para”. Mas eles não se lembravam. Como o sal que o moinho fazia fosse tanto, aconteceu que a barcaça afundou. Afundou a barcaça e juntamente com ela o moinho, que ainda hoje, no fundo do mar, frente ao Cabo de S. Vicente, continua a fazer sal, e é por esse motivo que todo o mar é salgado, porque o moinho do diabo ainda lá continua fazendo sal.

11

Lado A

Cassete nº1/2002/Ana Isabel Fernandes

Classificação: Lenda etiológica

Título: [As amendoeiras]

Informante: Marisa da Silva Fróis

Idade: 19 anos

Naturalidade: Rio Maior, concelho de Rio Maior, distrito de Santarém

Profissão: Estudante da Universidade do Algarve – Curso de Línguas e Literaturas Modernas (Português/ Espanhol), 2º ano

Local da recolha: Faro

Data da recolha: 28/12/2002

Coletora: Ana Isabel Ledesma Fernandes

Transcrição:

Depois... também... me foi, me foi transmitida... uma história que tem a ver com a região do Algarve. Que é a história... pronto, a origem das, das amendoeiras em flor. E isso foi porque... um, um rei casou com, com uma princesa estrangeira, que seria uma princesa dos países nórdicos. Porque... enfim, essa, essa princesa estava muito, muito longe de casa e então sentia, sentia muitas saudades de casa. E... e, então... o rei mandou arranjar... umas árvores e essas árvores lembravam precisamente a terra da, da princesa. E as amendoeiras em flor quando todas abertas, não é?! Davam um aspeto de, de neve, davam, faziam lembrar a neve [que estranho – afirma a coletora]. Sim, de facto, é, é estranho, mas, mas isso se calhar, pronto, para, para a princesa não sentir tantas saudades de casa [simbolismo da cor... branco – acrescenta a coletora], sim, sim, talvez [neve, branca, sei lá – continua a coletora], sim talvez, porque, até porque talvez até mesmo pela irregularidade do, não é, do, do terreno, as amendoeiras não ficariam todas ao mesmo nível, e assim de longe até pareceria que era neve e pronto é mais para, para...

Informante: As lendas e histórias e pequenas narrativas que se contam são... foram-me transmitidas, geralmente, pelas pessoas mais velhas, algumas pelos pais, outras por tios

e há outras ainda que foram transmitidas de pais para filhos, etc., mas que me foram transmitidas por pessoas mais velhas.

Tema: Objetos

12

Lado A

Cassete nº1/2002/Ana Isabel Fernandes

Classificação: Lenda etiológica

Título: [A moca de Rio Maior]

Informante: Marisa da Silva Fróis

Idade: 19 anos

Naturalidade: Rio Maior, concelho de Rio Maior, distrito de Santarém

Profissão: Estudante da Universidade do Algarve – Curso de Línguas e Literaturas Modernas (Português/ Espanhol), 2º ano

Local da recolha: Faro

Data da recolha: 28/12/2002

Coletora: Ana Isabel Ledesma Fernandes

Transcrição:

Então é assim... há a história da moca de Rio Maior. A famosa moca de Rio Maior que por acaso é... [que é um objeto em pau – explica a coletora] é um objeto em pau, exato... é um objeto com... tem vários tamanhos e que, pronto, geralmente, as mais típicas são, geralmente, as maiores. Pronto, as pessoas até acham graça pelo próprio tamanho. E então... é também... é feita em madeira e é... é colocada taxas... taxas... como mote decorativo e também... fazendo parte do próprio objeto.

Então... a moca de Rio Maior está ligada, há muitos anos, à história da, da cidade. E... e, então, conta-se que, antigamente, quando as pessoas passavam por Rio Maior, principalmente as pessoas mais ricas... eram recebidas assim de uma maneira um pouco estranha, porque... a moca era utilizada para bater nas pessoas e para lhes roubar os bens... E há precisamente uma casa em Rio Maior, que foi restaurada recentemente, que é a casa de D. Miguel, que era precisamente onde acontecia isso.... Eu penso que [todas as pessoas ricas iam todas a casa... nessa casa? – questiona a coletora] ... vamos lá, aquilo era uma espécie de uma estalagem em que as pessoas passavam por lá, não é? Aquelas estalagens antigamente em que [então os donos da estalagem, com a moca... - afirma a coletora] ... não sei se seriam os donos, mas que eram pessoas que aproveitavam o facto de as pessoas estarem na estalagem para lhes

roubarem os bens e, então, é, é isso que... é que faz parte da história da moca de Rio Maior.

Informante: As lendas e histórias e pequenas narrativas que se contam são... foram-me transmitidas, geralmente, pelas pessoas mais velhas, algumas pelos pais, outras por tios e há outras ainda que foram transmitidas de pais para filhos, etc., mas que me foram transmitidas por pessoas mais velhas.

Subgénero

Lendas do sobrenatural

Tema

Fenómenos sobrenaturais

13

Lado B

Cassete nº4/2011/Elisabete Reis

Classificação: Lenda do sobrenatural

Título: [A comida salgada]

Informante: Fernanda Teresa Fernandes

Idade: 74 anos

Naturalidade: Alfarrobeira, freguesia de S. Clemente, concelho de Loulé, distrito de Faro

Profissão: Reformada

Habilitações literárias: Tem a 4ª classe

Residência: Quarteira

Local da recolha: Baceladas, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 24/04/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Informante: Isso foi à do patrão do avô, do teu avô. Que tinham de fazer a comida e ir logo comer senão quando fossem já estava tudo cheio de sal, já salgada.

Coletora: Era o patrão do, do avô Joaquim, não é?

Informante: Não.

Coletora: Ah, do seu pai...

Informante: Do meu pai sim. E então, não sei se era as bruxas, que faziam aquilo, que faziam aquilo, se era as almas. Não sei explicar. O pai, o meu pai contou. Que tinham que ir logo comer se não depois, às vezes não iam logo olha... já estava tudo cheio de sal que não podiam comer.

Coletora: E não era ninguém que pusesse, que punha o sal, era mesmo assim...

Informante: Pois eu não sei, pois quem...

Coletora: Quem é que contava isso? Era o patrão?

Informante: Não, era o avô que também lá comia. O teu bisavô. Comiam lá e tinham que... às vezes diziam: está feito, vamos já comer antes que venham pôr o sal! Ora...

Coletora: E quem é que vinha pôr o sal, era uma alma?

Informante: Pois e quem é que sabe? Pois não se sabe...

Coletora: Depois disso deixou de acontecer ou continuava sempre a acontecer?

Informante: Eu não sei, pois eu não sei... mas naturalmente levou muito tempo assim.

Coletora: E por que é que será... porque aí já não se metia com as pessoas fracas aí era a comida... por que é que será que ia à comida?

Informante: Pois a gente não sabe. Não sabe explicar. Não sei se era alguma pessoa que andava ali que queria mal e, e deitava aquela oração para fazerem aquilo, para o inimigo ir fazer aquilo. Não sei explicar. Não se sabe bem, não sei explicar, porque isto há inimigos, diz que há inimigos, inimigos, pois a gente não sabe.

Tema

Seres sobrenaturais

Fantasmas

14

Lado A

Cassete nº2/2003/Anabela Frade

Classificação: Lenda do sobrenatural

Título: A rapariga que pede boleia

Informante: Anabela Zeferino Frade

Idade: 20 anos

Naturalidade: Boliqueime, Concelho de Loulé, Distrito de Faro

Habilitações literárias: Frequenta o terceiro ano do curso de Línguas e Literaturas Modernas - Estudos Portugueses, na Universidade do Algarve

Local da recolha: Albufeira, concelho de Albufeira, distrito de Faro

Data da recolha: 19/02/2003

Coletora: Anabela Zeferino Frade

Transcrição:

Agora vou relatar uma lenda urbana que eu ouvi, pela primeira vez, lá pelo ano de 1996/97. Foi na altura em que eu andava na Escola Secundária de Quarteira e que... era muito conhecida, porque todos os jovens falavam, naquela altura, disso que tinha acontecido.

Portanto, a lenda começa com um casal de namorados, que vão passear de mota. Contudo a rapariga foi fugida dos pais, porque os pais não queriam que ela andasse com aquele rapaz.

Então, eles vão passear e ao voltarem para casa, ao passarem a Ponte Barão (fica na estrada que liga a Patã de Baixo à 125), eles têm um acidente e ela morre. Ele, não tenho a certeza se morreu ou não, mas ela, sei que ela morre. Então, o que acontece é o seguinte:

Há muitas pessoas que dizem, que relatam, que veem uma rapariga da descrição (da rapariga que morreu de mota) a pedir boleia.

O meu instrutor de condução disse-me, ele próprio, que tinha visto a rapariga a pedir boleia, mas não teve coragem de parar e dar-lhe boleia, pelo que ele também já tinha ouvido dessa lenda.

Então, a rapariga, em alguns casos, a rapariga pede boleia, as pessoas param, dão-lhe boleia e quando ela passa pela zona onde houve o acidente e onde ela morreu, ela vira-se para as pessoas e diz:

- Olha, foi aqui que eu morri.

E as pessoas olham para trás e ela desaparece. Em alguns casos provoca acidentes, noutros não.

E foi... é esta lenda que eu conheço. Mas, há outras versões.

15

Lado A e B

Cassete nº5/2011/Elisabete Reis

Classificação: Lenda do sobrenatural

Título: [O fantasma que pede boleia]

Informante: Dora Isabel Lopes Sequeira da Conceição

Idade: 31 anos

Naturalidade: Meda, concelho de Trancoso, distrito da Guarda

Habilitações literárias: 12º ano

Profissão: Vendedora

[Residente no Sítio dos Almarjões, Fonte Santa, freguesia de Quarteira]

Local da recolha: Vilamoura, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 06/05/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

A história da estrada de Sintra. A estrada de Sintra era uma moça que, que morreu na estrada, que morreu na margem, foi violada, maltratada e, e teve um acidente depois no carro. E a história é que se passares naquela estrada, àquela hora, a moça vai estar na berma da estrada a pedir boleia. Tu dás boleia, vai contigo no carro, conversa contigo no carro, está bem e, depois, de repente, diz:

- Olha, foi aqui que eu morri!

E desaparece.

Coletora: E o que é que acontece às pessoas que vão a conduzir?

Informante: Chocadas, não é?

Coletora: Não lhes acontece um acidente?

Informante: Ah, que eu saiba, quem me contou essa história não teve acidente nenhum.

Coletora: Quando é que ouviste esta história pela primeira vez?

Informante: Ah, tinha para aí vinte e cinco anos.

Coletora: E quem é que te contou?

Informante: Foi um moço de Lisboa.

Coletora: E esta do, do, do rapaz atrás do carro [lenda anterior] onde é que a ouviste, foi na universidade, não foi?

Informante: Foi, foi...

Coletora: Ok, a que hora é que esta rapariga costuma aparecer na estrada?

Informante: É sempre de madrugada.

Coletora: À bocado parece que falaste à meia noite não foi?

Informante: Não... isso foi...

Coletora: O que é que era à meia-noite?

Informante: À meia-noite era aqui na estrada de, da Kadoc.

Coletora: Ah, então, já contas essa...

Informante: Não, essa não sei.

Coletora: Ai, essa não sabes?

Informante: Tenho uma ideia geral, mas não, não sei...

Coletora: E como é que essa rapariga morreu? Essa rapariga da história?

Informante: Com um acidente de carro.

Coletora: Mas falaste em violada...

Informante: Foi violada, maltratada, pelo menos o moço que me contou a história, contou-me isso, que ela tinha sido violada, maltratada e que estava a pedir boleia, foi no carro e teve um acidente, foi... morreu no carro.

Coletora: Ah, mas ela pediu boleia e teve um acidente com as outras pessoas, que lhe tinham dado boleia, é isso?

Informante: Sim, sim

Coletora: Ah, ok.

Informante: E, entretanto, ela... a história é que ela continuou a fazer isso depois de morrer e que depois faz isso. Pede boleia, nós damos boleia, como se víssemos uma pessoa real, senta-se, conversa connosco e, depois, passado um bocado, quando chega ao tal espaço onde ela morreu, ela diz:

- Olha, aqui eu morri!

E desaparece.

Coletora: Ok, e acreditas nesta história?

Informante: [Risos] Não, eu penso, é assim, eu penso que é... não acredito em fantasmas, e isso é um fantasma, não é? Basicamente, não é...

Coletora: Não achas que possam existir fantasmas ou que possam haver almas do outro mundo?

Informante: É assim, não acredito em bruxas, mas que as há, há... prontos, é o melhor que eu posso fazer. Não acredito que também estejamos sozinhos no universo, quer dizer, o universo é tão imenso. Por isso há sempre uma probabilidade, uma possibilidade de que isso possa existir. Não sou céptica ao ponto de dizer: não, isso não existe. Porque eu não tenho provas.

Coletora: Pode haver a possibilidade de a pessoa morrer e depois voltar cá a este mundo?

Informante: Dependendo da morte.

Coletora: Como assim “dependendo da morte”?

Informante: Se for uma morte violenta, se for uma morte má, não for uma morte, uma morte de, de doença, de velhice... sim, penso que possa...

Coletora: Então, quer dizer que uma pessoa quando morre assim por causas naturais a pessoa descansa em paz, é isso?

Informante: Penso que sim, que se não tiver nada a dever ao mundo, nenhuma informação, nada que vá escondido com ela... não tem motivo para voltar.

Coletora: Então, quer dizer que as pessoas que possam voltar têm alguma mágoa com elas?

Informante: Há alguma informação, há algum alerta ou alguma coisa para te dizer, por isso voltam a aparecer.

Coletora: Dizer aos humanos que estão aqui... vá vamos embora... [Risos]... então, como é que nós estávamos a dizer, estávamos a falar de alma do outro mundo, não é?

Informante: O objetivo deles é alertar, sim, por exemplo...

Coletora: Quando morrem mal, não é?

Informante: Por exemplo, o que eu quero dizer é que quando tu conduzes ou quando andas à noite debes ter sempre atenção, não debes ser tu a, a efetuar o bem. Deves alertar as autoridades para, para fazerem o tal... a tal... levarem a pessoa, ou fazerem, ou verem o que é que acontece, porque é que a pessoa está ali isolada àquela hora. Como eu te disse, o meu marido teve um acidente, no Alentejo, no caso são três, eram três africanos, o único moço branco estava no carro. Tiveram o acidente e tinha batido com a cabeça. Na estrada, era muito escura, não houve uma única pessoa que parou, nem para socorrer, nem para passar a informação a um polícia de que haveria pessoas ali. Simplesmente, com medo de que eles podiam estar ali para fazer mal às pessoas dos carros, assaltar ou seja o que for... Se tu vês alguma coisa na rua debes passar sempre a

informação de que aquilo acontece, e que está ali aquilo e para que as pessoas devidas vão ver o que é que se passa.

Coletora: Então, não descartas a possibilidade de haver essas, esses, esses almas, essas... que possam vir a este...

Informante: Não descarto, porque eu não tenho provas, nem que eles existam nem que eles não existam. Eu sei que as histórias contadas sobre fantasmas são sempre para alertar para alguma coisa, para que tu tenhas atenção em algo, não penso que seja para dizer: há um fantasma!

Coletora: E ela aparece sempre da mesma forma às pessoas? É sempre a mesma rapariga?

Informante: É sempre da mesma... é sempre a mesma rapariga, sempre vestida da mesma maneira...

Coletora: E desaparece?

Informante: E desaparece...

Coletora: Depois de dizer aquela frase?

Informante: Sim...

Coletora: E as pessoas...

Informante: Reagem admiradas e, geralmente, há despistes na estrada há isto ou há aquilo...

Coletora: E, nesse caso, em que há despistes porque é que... então, se ela vem cá fazer o bem, por que é que depois resulta num despiste? Então, veio ocorrer cá e provocou um acidente, ao fim ao cabo...

Informante: Sim, se calhar, o primeiro objetivo dela era bom, mas acaba por ser mau, mas por as próprias pessoas se admirarem por ela desaparecer de repente.

Coletora: Não será pelo facto de ela... já que ela morreu assim dessa maneira, querer também que os outros também morram como se fosse castigo, como se fosse vingança...

Informante: Se calhar, não sei... não sei...

Coletora: Não interpretas assim?

Informante: Exato, prefiro interpretar da maneira da anterior. Dizer que ela vem alertar que pode acontecer isso a eles...

Coletora: E as pessoas é que se assustam e, e que provocam os seus próprios acidentes...

Informante: Exatamente, exatamente...

Coletora: E também com o facto de a pessoa... vem a este mundo e de repente desaparece naquele local... porque é que ela desaparece naquele local? Porque não desaparece um bocadinho mais à frente ou um bocadinho mais atrás? Por que é que... é como se... foi ali que morreu já não conseguiu ultrapassar aquela, aquela... por que é que será que ela não ultrapassa? Porque é que... aquele lugar...

Informante: Porque a morte foi violenta, a morte foi violenta e pelo que eu já falei com as pessoas e disseram... há pessoas que são a favor de que há sítios negativos, há pontos negativos, em que guarda energias negativas, em que é mais fácil naqueles sítios esses fantasmas se, se ficarem agarrados.

Coletora: Ai é?

Informante: É...

Coletora: Os lugares têm as suas próprias energias, é isso?

Informante: É... há sítios... nunca, nunca te aconteceu? Há sítios em que tu vais e não te sentes bem por mais bonito ou por mais bem tratado que esteja. Enquanto que há outros sítios em que tu vais e sentes-te bem, estás bem, à vontade...

Coletora: Ah, então, quer dizer que pode ser por isso que aquele lugar tem uma carga negativa e, e a pessoa, e aquela alma não passa daquele lugar?

Informante: Sim...

Coletora: Não pode ser o facto de ela querer ultrapassar aquela... como é que hei de explicar? Há pessoas que interpretam isso como a pessoa... aquela alma tem aquela ânsia de viver de novo e de querer ultrapassar aquilo, aquela fase onde ficou... e todas as vezes falha... estás ver, estás a ver a ideia?

Informante: Não, bem eu para mim acho que é... é assim... a pessoa para... eu acho que para mim... e pelo que eu já vi em várias coisas é, é... a pessoa fica agarrada àquela morte, o objetivo sim é ultrapassar, mas eles próprios não têm consciência que estão a repetir, e a repetir, e a repetir, estão presos àquela rotina, enquanto alguém que pensa que tem poderes para, para libertá-los... os possa ir libertar de algum motivo, de alguma maneira para eles ultrapassarem isso.

Coletora: E só assim ela deixará de, de então, de repetir...

Informante: De repetir, de fazer aquilo, penso eu que seja assim.

Coletora: Enquanto isso não acontece vai havendo acidentes e sustos e essas coisas todas?

Informante: Exato. Provavelmente porque... por causa disso como tu acabaste de dizer, eu penso que se... pode ser um sítio ou uma estrada em que há muitos acidentes

e, então, surge frequentemente, que faleceu aquela moça. Se calhar foi o primeiro acidente e que todos os outros, depois, foram provocados por ela. Acabou... É uma lenda, é... acaba por ser repetitivo... é para alertar que aquela estrada seja perigosa ou aquele espaço... penso eu que seja isso.

16

Lado A

Cassete nº3/2005/Ana Cabrita

Classificação: Lenda do sobrenatural

Título: [O fantasma que pede boleia]

Informante: Ana Filipa Coelho Cabrita

[Idade: 21 anos]

[Naturalidade: S. Bartolomeu de Messines]

[Profissão: Estudante]

[Habilitações literárias: 12º ano]

[Localidade onde aprendeu o texto: S. Bartolomeu de Messines]

[Com quem aprendeu o texto: com os meus pais, irmã e amigos]

[Quando se recitava ou cantava o texto: neste caso quando passo pelo sítio referido e conto às pessoas que não conhecem a lenda]

[Motivo porque gosta do texto: por se passar no sitio que conheço]

Local da recolha: S. Bartolomeu de Messines

Data da recolha: 14/01/2005

Coletora: Ana Filipa Coelho Cabrita

Transcrição:

Conta-se a lenda da Menina da Kadoc porque dizem que uma rapariga, que morreu num acidente na curva junto à discoteca Kadoc, aparece a pedir boleia a quem passa por lá.

Uma das versões que conheço é a seguinte: conta-se que um rapaz ia a passar de carro vê uma rapariga a pedir boleia. O rapaz dá-lhe boleia e entretanto conversam um com o outro e quando chegam a essa tal curva junto da discoteca Kadoc, a rapariga diz ao rapaz para ter muito cuidado porque foi ali que ela morreu, entretanto o rapaz assustado olha para o banco detrás do carro onde a rapariga se encontrava e esta desaparece.

17

Lado A

Cassete nº3/2005/Ana Cabrita

Classificação: Lenda do sobrenatural

Título: [O fantasma que pede boleia]

Informante: Ana Filipa Coelho Cabrita

[Idade: 21 anos]

[Naturalidade: S. Bartolomeu de Messines]

[Profissão: Estudante]

[Habilitações literárias: 12º ano]

[Localidade onde aprendeu o texto: S. Bartolomeu de Messines]

[Com quem aprendeu o texto: com os meus pais, irmã e amigos]

[Quando se recitava ou cantava o texto: neste caso quando passo pelo sítio referido e conto às pessoas que não conhecem a lenda]

[Motivo porque gosta do texto: por se passar no sitio que conheço]

Local da recolha: S. Bartolomeu de Messines

Data da recolha: 14/01/2005

Coletora: Ana Filipa Coelho Cabrita

Transcrição:

A outra versão que conheço é a seguinte: conta-se que um rapaz ia a passar de carro e vê uma rapariga a pedir, a pedir boleia. O rapaz dá-lhe boleia e a rapariga pede-lhe que a leve a casa, entretanto vão conversando um com o outro durante o caminho.

A rapariga diz-lhe que tem muito frio e o rapaz empresta-lhe o seu blusão. Quando chegam à casa dela, o rapaz diz-lhe que no dia seguinte iria buscar o seu blusão.

No dia seguinte, o rapaz vai à casa da rapariga para pedir o seu blusão, mas quando toca à porta atende uma senhora mais velha e o rapaz pergunta pela rapariga porque lhe tinha emprestado o seu blusão e explicou-lhe que lhe tinha dado boleia. A senhora que era supostamente a mãe da rapariga ficou muito surpreendida e assustada e contou-lhe o que lhe tinha acontecido à sua filha, ou seja, que tinha morrido num acidente na curva da discoteca Kadoc. O rapaz ficou muito assustado e não querendo acreditar, a mãe da rapariga levou-o ao cemitério onde a sua filha estava sepultada para provar ao rapaz que o que lhe dizia era verdade.

E quando chegam junto da sepultura encontram lá o blusão do rapaz.

Lado A/ B

Cassete nº1/2002/Ana Isabel Fernandes

Classificação: Lenda do sobrenatural

Título: [O fantasma que pede boleia]

Informante: Marisa da Silva Fróis

Idade: 19 anos

Naturalidade: Rio Maior, concelho de Rio Maior, distrito de Santarém

Profissão: Estudante da Universidade do Algarve – Curso de Línguas e Literaturas Modernas (Português/ Espanhol), 2º ano

Local da recolha: Faro

Data da recolha: 28/12/2002

Coletora: Ana Isabel Ledesma Fernandes

Transcrição:

Conheço também, agora um pouco mais, um pouco diferente, não é!? Uma história um pouco diferente, que ouvi já há algum tempo, não é!? E que, por acaso... ah... na altura, achei que fosse verdade. É curioso, porque achei mesmo que fosse verdade. Vim a constatar mais tarde, que se tratava de uma lenda urbana... e, então... é a história de um rapaz, que teve um acidente de mota e que morreu... e, então... enfim, uma estrada muito, com muitas curvas a descer, enfim, uma estrada muito perigosa. E, então... depois, a lenda surge do facto de duas raparigas... irem nessa mesma estrada e verem alguém a pedir boleia, que era precisamente o rapaz [que tinha morrido?! – questiona a coletora]. Exatamente, que tinha morrido e, então... elas deram-lhe boleia, porque ele estava a pedir boleia, não é!? Elas deram-lhe boleia e o rapaz às tantas diz...:

- Vão mais devagar ou vão com mais cuidado, porque aí à frente foi onde eu morri.

É evidente, as raparigas voltaram-se para trás e constataram que não estava lá ninguém. Entretanto, as raparigas entraram em estado de choque, não é!? Despistaram-se, tiveram um acidente. E quando saíram do hospital, tiveram a curiosidade de, não é!? Com o choque, com toda aquela estranheza da história... de facto... foram a casa do, do rapaz, que tinha morrido, não é!? E, e viram uma fotografia, que era precisamente o

rapaz, e a mãe disse que já morreu há algum tempo. E elas, não é!? Ficaram muito chocadas... [entraram em pânico – afirma a coletora], entraram em pânico mesmo.

[E isso correu lá por Rio Maior? – Questionou a coletora] Sim, sim, foi uma história que além de, pronto, de, foi uma coisa que aconteceu, pronto, fora de Rio maior, não é!? Mas que, que foi contada em Rio Maior, que foi contada, por exemplo, em cidades como as Caldas, pronto. Naqueles meios em que [e as pessoas acreditavam – questionou a coletora]. Acreditavam, acreditavam [piamente – afirma a coletora]. Quase piamente, é uma história de facto muito, pronto, é muito estranho.

[A estrada possivelmente é porque é muito perigosa mesmo – afirma a coletora]. É por ser muito perigosa, precisamente, porque é a descer, porque nessa estrada, por acaso, [tens que ter cuidado o rapaz não te peça boleia – acrescenta a coletora a rir]. Ah, não, não, não, penso que não [...]. Não acho que é, são situações, apesar de ser uma lenda urbana, não é!? Acho que [nos deixa a pensar – diz a coletora] É... deixa-nos a pensar muito, porque mesmo que não queiras, fica-se sempre a pensar. [Na altura acreditaste? – Pergunta a coletora]. Acreditei, isso, isso é verdade, lembro-me que acreditei. Acreditei e fiquei muito impressionada com a história, porque era muito nova. [Então, era um rumor que andava lá na zona? – Pergunta a coletora] Era, era rumor, exato. Foi quase como um boato.

19

Lado A

Cassete nº1/2003/Anabela Frade

Classificação: Lenda do sobrenatural

Título: [O fantasma em busca de ajuda]

Informante: Roseli Barfknerht

Idade: 29 anos

Naturalidade: Santa Catarina, região sul (Brasil)

Segundo a coletora, a informante é professora no Brasil, mas em Portugal trabalha num supermercado

Local da recolha: Santa Eulália, concelho de Albufeira, distrito de Faro

Data da recolha: 03/02/2003

Coletora: Anabela Zeferino Frade

Transcrição:

É uma lenda urbana. Fala sobre os camionistas que atravessam o país, levando mercadorias. A história é que um senhor que estava dirigindo um camião, passou, passou assim à noitezinha e viu uma mulher de verde muito bonita abanando, pedindo socorro, que havia sofrido... Havia um carro que havia sofrido, caído, capotado. Então, o motorista parou e ficou todo preocupado, quando viu o carro todo em pedaços, lá em baixo. E ela dizia que havia uma criança e a criança estava viva, mas ela não tinha conseguido tirar a criança de dentro do carro.

O motorista desceu, correndo a ribanceira e esqueceu-se da mulher. Mas, quando ele chegou lá, a criança estava viva e a mulher, que estava ao volante, morta, era a mesma, era a mesma que tinha pedido para ele socorrer a criança.

Então, são lendas de, do nosso grande Brasil.

20

Lado B

Cassete nº4/2011/Elisabete Reis

Classificação: Lenda do sobrenatural

Título: [A costureira]

Informante: Fernanda Teresa Fernandes

Idade: 74 anos

Naturalidade: Alfarrobeira, freguesia de S. Clemente, concelho de Loulé, distrito de Faro

Profissão: Reformada

Habilitações literárias: Tem a 4ª classe

Residência: Quarteira

Local da recolha: Baceladas, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 24/04/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Coletora: Então conte lá essa da costureira... você ouvia a costureirinha?

Informante: Ouvia-a trabalhar com a máquina.

Coletora: Mas e o que é que você ouvia, ouvia em casa?

Informante: Mas agora já não tenho ouvido... é verdade...

Coletora: Ouvia... quando, quando, quando é que foi a última vez que ouviu?

Informante: Não me lembro bem, mas não, mas já estava cá... pois... não me lembro bem... mas muita gente ouve isso... muita gente ouve...

Coletora: Mas ainda hoje ouvem?

Informante: Ouvem... já tenho ouvido falar nisso, já tenho ouvido falar e muita gente ouve.

Coletora: Ai é? Há pessoas hoje em dia ainda, ainda dizem que ouvem a costureira a, a

Informante: Sim...

Coletora: Então, e o que é que ouvem? Que tipo de sons é que ouvem? Quais são os sons?

Informante: A máquina a trabalhar, depois a levantar o pezinho e depois começar outra vez...

Coletora: Ouvem a tesoura também?

Informante: Sim, a tesoura... pôr em cima da máquina.

Coletora: E ouvem o som onde, vem das paredes, vem das almofadas, vem do chão, o som anda onde, no ar?

Informante: Vem no ar, vem... quem é que sabe de onde é que vem? Só Deus Nosso Senhor é que pode saber de onde é...

Coletora: Pois e, e, e você ouvia isso o que é que dizia? Sentia, sentia medo quando ouvia isso...?

Informante: Não, não sentia...

Coletora: O que é que você pensava que era? Por que é que você dizia que era a costureira?

Informante: Pois começaram a dizer que era uma costureira que, que tinha... não sei... tinha prometido qualquer coisa e, e não pagou.

Coletora: E que coisa é que seria? Que promessa é que seria?

Informante: Eu não sei se seria uma manto à Nossa Senhora... um manto... não sei... olha ele foi para aí uma coisa que eu não me lembro. Que tinha prometido e não pagou.

Coletora: E por que é que prometeu, estaria doente?

Informante: Pois, às vezes é, foi por doença se calha.

Coletora: E por que é que ela aparece assim às pessoas? Porquê?

Informante: Ela não aparece. Só se ouve é, só se ouve é trabalhar.

Coletora: E por que é que se ouve? Por que é que se ouve?

Informante: Pois, quem é que sabe por que é?

Coletora: Mas será por ela nunca ter, por ela não ter cumprido a promessa? Será por isso?

Informante: Pois será... pois será por isso. Sei lá... pois quem é que sabe?

Coletora: Acha que as almas quando não cumprem as promessas vêm à terra e para, para se penitenciar, para...

Informante: Pois calhando... pois diz que sim, que a gente que não morre, a alminha que nunca morre.

Coletora: Mas, então, ainda hoje há pessoas da sua idade, assim na rua, hoje, hoje em dia, ainda ouve pessoas que dizem que, pessoas que dizem que realmente ela ainda continua a tocar nas casas?

Informante: Não, agora já não tenho ouvido. Mas não há muitos anos que ela ainda andava, ainda se ouvia, mas agora não.

Coletora: E acredita nessas almas?

Informante: Mas e agora já não acreditam, agora desde que, agora, agora... há tempos atrás acreditavam ainda mas...

Coletora: E quem é que acreditava? Eram as pessoas mais velhas ou, ou eram pessoas mais novas?

Informante: Ah, as pessoas mais velhas, pois...

Coletora: E isso não seria um bichinho a fazer barulho, era mesmo o pousar de uma tesoura, o barulho de uma máquina?

Informante: Pois, sim, era.

Coletora: Você lembra-se bem desse barulho?

Informante: Sim, lembro-me. Mas há já muito tempo que não a ouço. Foi há muitos anos.

Coletora: E isso seria só com pessoas que tivessem máquinas de costura ou era pessoa, qualquer pessoa?

Informante: É com qualquer pessoa... eu lembro-me que é qualquer pessoa que tinha, estaria fraca de cérebro ou fraca de estatura e essas coisas pois via mais.

Coletora: Então, quer dizer que você era fraca de, de...

Informante: Podia ser... pois que eu era muito fraquinha.

Coletora: E então, tinha essa capacidade de ouvir essas coisas que outras pessoas não teriam?

Informante: Pois, pois... então, uma vez quando tinha quê? Que idade tinha eu? Para aí os meus vinte tal anos, já a tua mãe era nascida, parece-me que ela já era nascida, pois já... e eu fui-me repousar um pouco, pois não oiço um grande estoiro em cima da mesa-de-cabeceira, que o relógio, que o despertador, saltou! Digo: Bom... o despertador não está em cima da mesa-de-cabeceira, com certeza, eu fiquei ali dormente. E aquilo, eu senti, foi o salto que o despertador deu e, depois, digo: o despertador, para onde é que seria que ele foi? Mas quando me pude levantar, levantei-me e olhei para, para a mesa-de-cabeceira. E ele lá estava a trabalhar que era uma maravilha!

Coletora: Seria um sonho? Não seria um sonho? Foi mesmo real?

Informante: Não, não, não foi sonho, que eu estava acordada.

Coletora: Acredita que há almas do outro mundo aí nas casas a pairar e que podem vir do, lá de onde elas estão para a terra?

Informante: Sim, pois é, é... julgam que a casa é deles, que é deles e diz que é assim.

Coletora: É?

Informante: Eu fui perguntar a uma pessoa, mandei procurar, e disseram-me isso, que era, eram umas pessoas que tinham morrido e que, e que a casa era deles e ainda coiso... e sentiam-me lá fariam aquilo para mim ter medo, para desarvorar. [Risos] Eu acho que seja assim.

Coletora: Por vingança, por...por inveja...?

Informante: Por serem ruins, por serem ruins não queriam lá ninguém se calha ou não sei.

Coletora: E, e você estava numa casa que não era sua, era de outra pessoa?

Informante: Pois, que não era minha.

Coletora: Então, acredita que há, que há almas que vêm lá do céu ou de onde elas vêm e vêm aqui chatear os humanos que cá estão?

Informante: Pois... eu acredito, eu acredito, pois... mas isto não se pode pensar nessas coisas... ah... a gente, faz a gente doentes [Risos].

Coletora: Está bem. E ouvia a costureira, a costureira a que, a que hora do dia? Era a qualquer hora? Era de noite? Era de dia? A que horas é que mais a ouvia?

Informante: Era mais de dia parece-me, pois eu de noite...

Coletora: Ouvia quê? Quando estava a fazer as lides da casa ou quando estava sentada?

Informante: Pois quando estava sentada se calha... estava fazendo alguma coisa.

Coletora: De noite nunca ouvia?

Informante: Olha, também parece que sim... às vezes, às vezes mesmo de noite.

Coletora: E acredita que era mesmo uma costureirinha? Acha que era uma alminha que andava por ali?

Informante: Eu acho...

Coletora: E seria uma alminha boa ou má?

Informante: Acho que era boa.

Coletora: Porquê?

Informante: Sei lá, pois ela não fazia mal a ninguém, que era boa, andava trabalhando, só trabalhava com a máquina. Que era uma alminha boa, alguma que morreu e se calha não... alguma coisa que prometeu e não pagou.

Coletora: Pois...

Informante: E depois andava pelas casas avisando, mas não...

Coletora: Avisando porquê? Por que é que ela queria avisar?

Informante: Digo eu, porque a ouviam trabalhar, é porque andava pagando a penitência.

Coletora: Ou queria que as pessoas pagassem por ela?

Informante: Não, não é... eu não digo isso, eu digo é que, que, queria sei lá... dizer que andava trabalhando ainda, sei lá, não sei...

Coletora: E o facto de já não se ouvir será que ela já acabou a penitência dela?

Informante: Pois calhando, quem é que sabe? Ninguém já se queixa que ouve. Eu não tenho ouvido, principalmente, eu não tenho. Nunca mais a ouvi, já há quantos anos? Não me lembro, se ali, se aqui em Quarteira cheguei a ouvi-la... não me lembro...

Coletora: Quando, onde é que a ouvia? Era só lá em França?

Informante: Não me lembro já, já não me lembro, mas ouvia de vez em quando.

Coletora: Ouvia aqui em Portugal?

Informante: Sim, em Portugal, não sei se a cheguei a ouvir lá em França... não me lembro. Isto, a fadiga era tanta, que não me lembro.

Coletora: E ela dizia, ela fazia esses barulhos ao longo do dia todo ou fazia durante um momento e depois parava?

Informante: Pois parava...

Coletora: Mas era durante um... por exemplo, num dia era capaz de fazer muitos barulhos, várias vezes ao dia ou fazia só uma vez, por exemplo?

Informante: Uma pessoa também não estava sempre à escuta... pois... lá quando ouvia, ah... olha está trabalhando, olha a costureirita ainda anda, a costureira...

Coletora: E não ligavam... deixavam?

Informante: Não se ligava.

Coletora: Não ficavam com medo que fosse...?

Informante: Não...

Coletora: Um espírito maligno?

Informante: Não, com a costureira não. Nunca... com medo fiquei eu lá quando eu ouvi aquele estoiro em cima da... mas eu também estava fraca, estava fraca seria da coiso quando coiso, mas essas coisas é quando a gente estamos fracas.

Coletora: É quando a gente está fracas é que ficamos suscetíveis a ouvir estas coisas?

Informante: Pois, eu acho que sim.

Coletora: Mas fracos de quê? De corpo ou de cabeça?

Informante: De corpo e de cabeça, que está a cabeça fraca, está coiso... a pessoa de não dormir ou qualquer coisa ou de trabalho, tem muito trabalho.

Coletora: Então quer dizer que quando estamos fracos os, essas almas e essas forças apoderam-se de nós ou fazem-nos coisas...

Informante: Pois, dão cabo da gente, pois a gente está fraquinhos, apoderam-se mais.

21

Lado A

Cassete nº3/2011/Elisabete Reis

Classificação: Lenda do sobrenatural

Título: [A Fonte da Pipa]⁶

Informante: Joaquim Agostinho Andrade

Idade: 79 anos

Naturalidade: S. Brás de Alportel

Profissão: Pedreiro [reformado]

Habilitações literárias: Tem a 3ª classe e a 4ª fez em adulto

Residência: Quarteira

Local da recolha: Baceladas, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 19/04/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

A da Fonte da Pipa... isso foi no ano da pneumónica... da guerra, que eles deitaram os gazes e, depois, a família adoecia e a doença atacava era os mais fortes. E a Fonte da Pipa, como eles não tinham lugar para pôr os mortos e aquilo [o palacete] estava abandonado, arranjaram aquilo que os mortos, os doentes iam para ali. E houveram muitos que eles [os que andavam a acarretar os doentes] deixavam, que não os enterravam, que eles ainda não estavam mortos, eles iam, iam para casa e deixavam os caixões, quando vinham de manhã os caixões estavam vazios, que os doentes desarvoravam.

Coletora: E para onde é que eles iam? Então se estavam mortos...

Informante: Iam para casa, uns metiam-se dentro dos palheiros para não os verem mais, para não os levarem outra vez, outros fugiam para outros lados.

Coletora: Mas eles estavam mortos ou vivos, afinal? Se estavam dentro do caixão...

Informante: [As pessoas] não podiam pôr um lenço na cabeça, que sentiam qualquer coisa, enrolavam-se com um cachecol ou com um, com um lenço e os doutores, as

⁶ Sobre o palacete chamado da Fonte da Pipa, nos arredores de Loulé.

autoridades, nessa altura, andavam... assim que viam uma pessoa com um lenço na cabeça, tivesse assim um qualquer sintoma de doença, apanhavam-nos logo, levavam-nos logo.

Coletora: E que cor é que era esse lenço? Isso tinha uma cor ou...

Informante: O lenço não... era um lenço qualquer para se agasalharem. Era como uma pessoa que está constipada, agasalhava-se e, e, e a família não podiam ver, diziam logo que estava doente. Tinham a doença da pneumónica.

Coletora: Então, qualquer pessoa que usasse um cachecol ou um lenço acusavam-no logo que tinha alguma coisa?

Informante: Pois... ia logo. Da parte do, do meu avô morreram-lhe dois filhos, os mais fortes foram-se embora.

Coletora: Então e porquê os mais fortes? Sabe explicar isso?

Informante: Porque o mal, o mal era assim, atacava os mais fortes...

Coletora: Então e... era suposto ser o contrário, os mais fracos, não?

Informante: Não, mas naquela altura era o contrário, os mais fortes eram os que abalavam, precisavam de mais ar, respiravam mais, e respiravam mais aquele veneno que havia pelos ares e atacava-os.

Coletora: Que gazes eram esses?

Informante: Eram os gazes das bombas, quando houve a guerra, que eles deitaram.

Coletora: E, e era aonde? Essas bombas caíam onde?

Informante: Caíram na França, na Alemanha... onde houve a guerra...

Coletora: Qual era a guerra? Qual era...

Informante: Era a guerra da... da Alemanha com a Europa...

Coletora: 14-18, não era?

Informante: Pois... foi quando queriam apanhar a Europa...

Coletora: Pois... e... então, quer dizer que a pneumónica resulta desses gazes?

Informante: Pois...

Coletora: Que vinham pelo ar de lá?

Informante: Pois vinham no ar...

Coletora: E as pessoas ficavam doentes?

Informante: Pois... apanhavam o ar... respiravam aquele ar... doente... é como, como agora o que aconteceu na, lá na... no coiso aquele... lá na...

Coletora: No Japão?

Informante: No Japão... os gazes que saltaram das centrais nucleares, eu não sei se não virão fazer mal à Europa...

Coletora: Pois, é verdade... então e conte lá, então, e os doentes vinham de onde? Vinham de todo o lado?

Informante: Vinham de onde eles... de onde eles estavam. Andavam as autoridades pela, pela rua e quando viam uma pessoa doente, que sabiam que estava doente, iam logo buscá-la.

Coletora: E houve muitos aqui no Algarve que foram ali para aquela casa?

Informante: Oh, oh... ai houveram tantos! Àquela casa vieram de todo o lado! Vinham de... onde sentiam que estavam doentes... não havia hospitais para guardar tanta família, puseram ali naquela, naquela quinta, que era uma quinta que estava abandonada, que a família já tinha morrido e os filhos não vieram para ali, que estavam lá para Lisboa. E eles, depois, pediram aquilo para fazer ali o hospital.

Coletora: E quem é que mandou construir aquela quinta?

Informante: Ai, isso agora é que eu não sei...

Coletora: Ah...

Informante: São coisas já muito antigas...

Coletora: E por que é que aquilo estava abandonado?

Informante: Porque os, os donos morreram e os filhos estudaram, estavam lá para Lisboa ou para o Porto com outros empregos e aquilo estava ali abandonado.

Coletora: Chegou a lá ir, lá perto?

Informante: Eu não, pois eu era de S. Brás [de Alportel]... ouvia era dizer...

Coletora: O que é que ouvia dizer?

Informante: Que os doentes que vinham para ali.

Coletora: Hum... então, e o que é que contam acerca dos fantasmas que lá havia? O que é que dizem?

Informante: Pois... Depois, depois disso, disso acabar, ninguém quis ir para lá, diziam que aparecia fantasmas, que era a coisa [alma] da família... ter morrido lá, que morreram lá muitos.

Coletora: E o que é que ouviam? O que é que viam?

Informante: Ah, diziam coisas malucas! Ah... pois...

Coletora: Que coisas malucas?

Informante: Cada um dizia a sua...

Coletora: E o que é que ouvia? Dê aí um exemplo.

Informante: Isso é coisas que não se sabe, há muitas coisas que dizem que aparecem e é... histórias antigas, que não se sabe...

Coletora: Mas diziam que ouviam bater portas...

Informante: Lá ao pé, ao pé onde eu morava, estava lá uma casa, tinham morrido lá dois velhotes, esteve muito tempo fechada. E diziam que, que aquilo ninguém queria ir para lá que apareciam lá fantasmas... e houve um rapaz corajoso, que comprou aquilo e foi para lá dormir. E aquilo tinha uns armários onde os antigos guardavam as coisas. E esse rapaz levou uma, uma canastra de figos e pôs dentro do, do armário. Lá às tantas estava a dormir e ouvia *rim-turim*... a porta abrir e fechar. Ora, ele como, como ouvia dizer que aparecia fantasmas nunca mais dormiu, pôs-se a, a escutar, pôs-se a escutar, acendeu a luz, quando ele vê os ratos a acarretarem os figos, conforme iam dentro do armário, a porta fechava-se, depois eles para saírem, abriam a porta, a porta rangia e diziam que eram fantasmas... vá lá, que ele viu e era corajoso se não... fugia de lá, nunca mais ninguém ia para lá.

Coletora: Pois, então quer dizer...

Informante: São coisas contadas, antigas...

Coletora: Pois, e por que é que será que as pessoas contavam estas coisas assim a dizer que eram fantasmas?

Informante: Pois eram, eram lendas, que vinham já detrás.

Coletora: Mas e por que é que as pessoas gostarão de dizer estas coisas assim?

Informante: Pois, diziam...

Coletora: É para assustar os outros? Será?

Informante: Pois, com certeza... com certeza que era. Era preciso era uma pessoa ter coragem e não ter receio, não ter medo. Aguentava tudo.

Coletora: E você tem medo dessas coisas?

Informante: Eu não, nunca tive medo, também passava lá em lugares onde diziam que apareciam fantasmas...

Coletora: E nunca aparecia nada?

Informante: E muitos diziam que tinham visto lá vultos e coiso... e uma vez eu passei lá às tantas da noite, à meia-noite ou coisa assim e quando se levanta um grande sarrabulho e salpicou-me todo, estava a chuveirar... mas eu não apanhei medo, digo: “mas o que é isto...?” Era um bando de perdizes, que estavam no caminho, conforme eu ia passando fugiram com medo... Oh, aquilo fizeram [*sic*] um barulho... e com as penas

salpicaram-me todo... como estavam molhadas... mas eu não tive medo, eu continuei o meu caminho e não vi nada. Eram lendas que diziam.

Coletora: Então quer dizer que as pessoas mais fracas...

Informante: Pois acreditavam, apanhavam medo...

Coletora: Pois... então e você é uma pessoa mais fraca ou mais forte?

Informante: Eu naquela altura era forte nunca voltei para trás, nunca tive medo [Risos]... havia muitos que quando ouviam qualquer coisa...

Coletora: Fugiam...

Informante: Fugiam... voltavam para trás...

Coletora: Então e ali na, na, naquele palacete as pessoas... ouvi dizer que elas ouviam portas bater, luzes a acender... é isso que elas diziam?

Informante: Pois, cada um dizia a sua.

Coletora: E você acreditou quando lhe contaram isso?

Informante: Pois eu era novo, nessa altura, acreditava... pois não sabia...

Coletora: Ai, é? Porquê? Achava que era... que eles [fantasmas] existam, é?

Informante: Pois... por causa de ter morrido lá tanta gente... eles levavam para lá a família e deixavam-nos, os homens que andavam acarretando os doentes e os mortos... [os que acarretavam os doentes] andavam cheios de aguardente, de coiso para não terem medo e o mal não ia para eles...

Coletora: Ah, a aguardente previne o mal?

Informante: A aguardente aquecia-os... não deixava entrar o mal.

Coletora: Então e por que é que diz que em novo acreditou e agora em velho já não acredita ou em adulto...?

Informante: É preciso é não encontrar essas coisas.

Coletora: Mas, mas acha que existem ou será conversas só? O que é que você acha?

Informante: Há sempre alguém que acredite, há...

Coletora: Então e você está em que grupo?

Informante: Eu estou entre os dois...

Coletora: É?

Informante: Já vi, já vi, já vi muita coisa...

Coletora: Ai é?

Informante: Com essas coisas não se brinca...

Coletora: Ai é? Porquê? Acha que não se deve brincar com, com o outro [mundo?]...

Informante: São coisas que metem respeito.

Coletora: Por que é que metem respeito?

Informante: Pois, metem respeito... ouve-se falar nessas coisas... comigo já se aconteceu também. Vinha dentro do automóvel, mesmo em par do cemitério [S. Brás de Alportel], o automóvel parou, apagaram-se as luzes, um sarrabulho de latas a caírem, julgava que era o automóvel que se tinha partido. Saí para fora, andei à roda do automóvel, pontapé numa roda, um pontapé noutra, nada. Entrei para dentro, pu-lo a trabalhar, abalou, fui para casa. E não coiso mais nada. Eram mistérios que a gente não sabe.

Coletora: Seria uma alma do outro mundo?

Informante: Quem é que sabe se seria uma alma do outro mundo... [Risos]? Alguma coisa foi que as luzes apagaram-se, o carro parou e eu vá lá... não tive medo. Mesmo em par da porta do cemitério.

Coletora: E esse também é um local de respeito, o cemitério?

Informante: Pois é, é para onde vão todos os mortos.

Coletora: Acredita que as, que as almas do outro mundo ficam onde as pessoas morrem? Por que se dizem que havia fantasmas lá na casa e as pessoas morriam... acha que as almas ficam presas?

Informante: As almas não ficam presas, as almas andam... como andavam quando eram vivas.

Coletora: Andam por todo o lado?

Informante: Pois...

Coletora: Não têm um sítio fixo onde...

Informante: É como o vento, o vento passa por todo o lado, não tem medo de nada.

Coletora: E acha que as almas são boas ou más?

Informante: Há boas e há más... há de tudo.

Coletora: É?

Informante: Pois...

Coletora: E as más o que é que elas fazem? O que é que elas costumam fazer?

Informante: As más colhem árvores, deitam casas abaixo... fazem essas coisas... [Risos].

Coletora: É a natureza que se está a referir ou...

Informante: É a natureza é... são coisas que acontecem...

Coletora: Que nome é que dá a esta história?

Informante: A história dos Afonsinhos... [Risos].

Coletora: Não, diga lá... isto é uma coisa séria... vá... [Risos].

Informante: São coisas da vida...

Coletora: Sim... mas que título é que daria, isto é uma história, por que é que se chama Fonte da Pipa ou, ou o palacete? Porquê, sabe porquê?

Informante: Eu não sei, aquilo ficou gravado, aquilo puseram Fonte da Pipa, não sei... por que é que foi, se é apelido, se é mesmo o local, se o que é...

Coletora: E que título é que daria? Se tivesse que dar assim um título a esta história dos fantasmas lá?

Informante: Fantasmas... quem é que sabe... não se sabe... não se pode abusar...

Coletora: Por que é que não se pode abusar?

Informante: Porque são coisas de respeito.

Coletora: Então afinal acredita um bocadinho que possa haver lá fantasmas a acender luzes?

Informante: Pois...

Coletora: É?

Informante: Pois é...

Coletora: Então e não poderão ser pessoas a querer brincar com as outras?

Informante: Pode ser também... eu quando era moço, via aqueles lugares, as encruzilhadas, a gente vinha do baile e para meter medo às outras [pessoas], punha-se um de um lado da estrada, outro no outro, com uma corda, quando as pessoas vinham passando, a gente levantava a corda, eles encalhavam na corda, cada um fugia por seu lado com medo... [Risos].

Coletora: Alguém viveu lá naquela palacete que você saiba ou aquilo sempre esteve abandonado?

Informante: Eu desde que conheci aquilo... foi sempre abandonado.

Coletora: E onde é que... quando é que foi a primeira vez que ouviu a história?

Informante: Não me lembro, era moço... isso foi muito, foi muito falado...

Coletora: É? Na altura foi muito falado?

Informante: Pois, está claro...

Coletora: E agora, já não é muito falado?

Informante: Agora já está esquecido... já não se lembram...

Coletora: Porquê? As pessoas já não acreditam em fantasmas?

Informante: Pois, não se acreditam...

Coletora: Ou já se esqueceram?

Informante: Já se esqueceram...

Coletora: E quem é que lhe contou esta história, lembra-se?

Informante: A gente ouvia de uns para os outros...

Coletora: E onde? Foi em S. Brás que ouviu a primeira vez?

Informante: Pois foi, se eu era de lá...! Para ali [Fonte da Pipa] não vinha...

Coletora: E ainda costuma contar estas histórias a alguém?

Informante: Agora não... agora quem é que escuta histórias?

Coletora: Nem estas, nem outras? Não conta?

Informante: Pois... só conto em viagens, em coiso, cada um conta a sua...

Coletora: Ah, as anedotas, não é?

Informante: Pois...

Coletora: E gosta deste género de histórias com fantasmas e almas do outro mundo e essas coisas assim, que assustam?

Informante: Eh, isso é coisas que não... que não se brinca...

Coletora: Mas gosta ou...?

Informante: Pois, quando um conta uma, outro conta outra... passa tudo...

Coletora: E assusta-se com este género de coisas ou nem por isso?

Informante: Para mim não, por mim nem por isso...

Coletora: Era capaz de viver naquela casa?

Informante: Ainda não se achou a essa... a esse ponto, não sei.

Coletora: Teria medo de lá viver? Se, se tivesse...

Informante: Com certeza!

Coletora: Ai, sim, porquê? Tinha medo que aparecesse algum fantasma?

Informante: Pois...

Coletora: Já alguma vez se encontrou com algum fantasma?

Informante: Fantasmas há muitos aí pelas ruas a fora... [Risos]... agora há outros fantasmas...

Coletora: Agora são outros fantasmas... está bem... por que é que acha que as pessoas contavam estas coisas dos fantasmas?

Informante: Era para fazer apanhar medo a esses mais fracos.

Coletora: Mas por quê? Era para brin...

Informante: Havia, havia quem se acreditava e havia outros que não.

Coletora: E porquê? Era para se divertirem a assustar os outros? Ou era porque contavam aquelas histórias... porque acreditavam?

Informante: Contavam, cada um contava a sua. Uns acreditam outros não. Toda a vida assim foi. E há de ser até ao fim da vida.

Tema

Seres sobrenaturais

Mouras

22

Lado B

Cassete nº5/2011/Elisabete Reis

Classificação: Lenda do sobrenatural

Título: [A Floripes]

Informante: Sara Mónica Lourenço de Almeida

Idade: 16 anos

Naturalidade: Faro, concelho de Faro, distrito de Faro

Habilitações literárias: 11º ano

Profissão: Estudante

Residente em Vilamoura

Local da recolha: Vilamoura, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 06/05/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Bem, o que eu sei foi que vi na televisão... não foi contado, foi, foi, foi um filme que foi feito sobre a Floripes. E eu vi um bocado e, então, que era sobre uma mulher, que está morta, neste caso, e que apanha homens sozinhos na rua, seduzi-os, para os depois, para depois matá-los.

Coletora: E é só assim, não é?

Informante: É.

Coletora: E há quanto tempo viste essa história?

Informante: Já há algum tempo.

Coletora: Algum tempo... acreditas nessa história?

Informante: Não.

Coletora: Porquê?

Informante: Porque é só feita para assustar as pessoas, que não faz sentido.

Coletora: Não faz sentido, porquê? Por que é que não faz sentido?

Informante: Porque uma pessoa vir, sei lá, do além para matar pessoas, para matar outras pessoas, acho que é só mesmo para assustar, que... para as pessoas terem respeito pela morte dos outros, mas que não existe.

Coletora: Não acreditas em almas do outro mundo?

Informante: Eu respeito bastante, mas acreditar não acredito.

Coletora: Não acreditas que eles existam? Que possam vir à terra e encantar os homens?

Informante: Não.

Coletora: Não. E porque é que será que é as mulheres a encantar os homens, nesta história, e não o contrário?

Informante: Ah, uma mulher, neste caso, é porque aconteceu qualquer coisa de mal com ela, que foi, que foi violada, foi, qualquer coisa, foi morta por um homem e, neste caso, ela quer-se vingar.

Coletora: De qualquer homem, neste caso?

Informante: De qualquer homem, quer-se vingar, porque ela morreu por, por um homem, então, neste caso, vinga-se em qualquer homem.

Coletora: E achas, achas justo os outros...?

Informante: Eu não acho, eu não acho justo, não é, mas... ela lá sabe. Ela só quer...

Coletora: Por que é que ela lá sabe?

Informante: Porque está morta.

Coletora: Mas não sabe que os outros não são a pessoa que ela...

Informante: Não... ela só quer ter a sua vingança, não... acho que não tem a noção...

Coletora: Então, vai matando todos até... até se cansar?

Informante: Até não haver mais... [Risos] não sei...

Informante Dora: Até alguém a caçar a ela...⁷

Coletora: Como?

Informante Dora: Até alguém a caçar a ela.

Coletora: Como assim, em que medida?

Informante Dora: Então, se ela... ela fizeram-lhe mal, não é? E ela volta para perpetuar esse mal nos homens, ou seja, num homem que seria o homem que lhe fazia mal a ela. Então, se ninguém a parar ela, ela vai continuamente repetir esse ato.

Coletora: Então, tem que ser uma pessoa suficientemente forte, a tal pessoa que consiga...

Informante Dora: Como eu disse... alguém que acredite e que faça isso.

Coletora: E tu, neste caso, acreditas nesta história?

⁷ A informante sussurrou esta observação.

Informante Dora: Ah, da Floripes? Hum, não.

Coletora: Não acredita que haja almas do outro mundo que se venham vingar de, de, daquilo que os homens lhes possam ter feito?

Informante Dora: Não, eu penso que, no caso, seja mesmo uma, uma sedutora. No caso, uma pessoa, uma vítima que se tornou uma sedutora para que... para fazer mal aos homens. Mas o objetivo ali é, é para os homens... a tal coisa como eu disse: é para os homens abrirem os olhos, não irem com qualquer mulher, porque por a mulher ter uma aparência frágil e, e ser bonita, muito bonita, ser... não quer dizer que seja um ser fraco! Seja um ser sempre dócil, sempre bom, que a mulher apesar de ter aquela beleza, de, de ter aquela doçura, ser meiga, ser boa, ser isto ou aquilo, ou a ter uma aparência assim... que ela seja sempre assim. A mulher pode ser má também. Então, é para, eu penso que seja isso, também para alertar os homens que o mundo não é só um mar de rosas, nem todas, nem todas as mulheres são boas, como nem todos os homens são bons, não é?

Coletora: Exato.

23

Lado B

Cassete nº1/2003/Paula Almeida

Classificação: Lenda do sobrenatural

Título: [Os três pães]

Informante: Maria Filomena Faísca Anastácio Ferreira

Idade: 58 anos

Naturalidade: Castro Marim

Profissão: Professora

[Habilitações literárias: Licenciatura]

Residência: Faro

Data da recolha: 30/01/2003

Coletora: Paula Maria Santos Almeida

Transcrição:

A lenda baseia-se precisamente numa das alturas em que Silves foi conquistada pelos cristãos. O Emir, que se encontrava no castelo de Silves, tinha três filhas e quando ele se apercebe de que os cristãos estão quase a aproximar-se de Silves, ele, como tinha as três meninas, resolveu, com receio, não é verdade, não as poder defender, agarrar nelas, levá-las para junto de um poço aonde se encontrava uma grande alfarrobeira e disse às filhas:

- Minhas filhas, não sei qual será a sorte que vos está reservada. Eu com certeza que para salvar a cidade, não poderei defender-vos, como é o meu dever de pai e, com receio que alguma coisa vos aconteça, eu vou-vos encantar. Mas posso, realmente, garantir-vos que, assim que eu poder, eu vos venho desencantar.

Lá fez lá as suas orações, as suas rezas e as rainhas desapareceram dentro desse poço.

Deu-se a conquista de Silves, o, o Emir consegue escapar, e levou com ele alguns reféns e, um belo dia, quando ele já se encontrava em Tânger, sempre a receber informações se seria ou não possível voltar outra vez a Silves, (mas não porque os exércitos cristãos estavam mesmo... por conseguinte os exércitos cristão tinham tomado a cidade e não havia possibilidade de ele voltar) ele vai visitar os prisioneiros que ele tinha levado, que eram cristãos e há um que chorava muito. E ele... aproximou-se dele e

perguntou-lhe porque é que ele chorava e ele disse que chorava com saudades da mulher e das filhas e ele disse:

- Tem graça que eu também deixei lá as minhas filhas.

E ele disse:

- Deixaste lá as tuas filhas. Onde, senhor?

E é aqui que o Emir faz-lhe uma proposta.

- Eu deixar-te-ei ir ver a tua mulher e as tuas filhas se tu me fizeres um grande favor: me desencantares as minhas filhas. Mas, cuidado, que se tu não cumprires à risca aquilo que eu te peço, tu pelo contrário, vais ter muitos dissabores na vida.

Claro, entre a possibilidade de o desgraçado ter a sua liberdade, o bom do cristão disse logo:

- Senhor, dissei-me já o que é que eu tenho de fazer.

E, realmente, o árabe disse:

- Olha, tens aqui três pães. As minhas três filhas, uma delas chama-se (e até pus aqui para pôr por ordem) uma delas chama-se Zaira, que é a mais velha; a do meio chama-se Salomé e a mais novinha chama-se Ariana. Tu levas estes três pães, guarda-os muito bem guardados, não dás a saber a ninguém e numa noite de lua cheia agarras neles, vais ao poço, (disse-lhe que tinha de levar ao poço) tiras um pão, atiras para dentro do poço e gritas: -“Zaira”. Não te assustes. Hás de ver levantar-se um grande pássaro e deixa o pássaro voar. É a minha filha que vem ter comigo. Depois, agarras no outro pão, atiras ao poço e gritas: -“Salomé” e se vires sair outro grande pássaro, deixa-o voar, não digas nada. Por último, atiras o ouro pão e gritas: - “Ariana”. Há de sair outro pássaro e vai embora. A partir daí, volta para a tua casa. Toda a tua vida vai-te sorrir. Vais ser muito rico, sempre que fizeres um negócio, guarda o dinheiro e passado algum tempo, esse dinheiro triplicou. Tu vais ver que, dentro em breve, tu és um homem rico, um homem poderoso e nunca contes a ninguém.

Ora, o homem, coitado, os olhos até se riam, ficou todo...

- Então, e o que é que eu devo fazer?

- Olha, pegas nestes três pães, metes dentro desta saca e abala, não tenhas medo. Ficas aqui. Quando a noite descer, tu hás de ver aparecer aqui ao pé de ti um pássaro. O pássaro é pequeno. Não te assustes, monta-te em cima dele. Hás de achar que o pássaro não pode contigo. Não te importes. Põe a saca aos ombros, monta-te em cima dele, agarra-te ao pescoço do pássaro e depois, tu vais adormecer e quando acordares, cá está a tua terra.

O homem, coitado, assim ficou com um bocado de medo, e a coisa aconteceu. O homem ficou, esperou e, quando realmente a noite já tinha caído bem cerradinha, ele viu um grande pássaro a voar e poisou ao pé dele. Ele fez como o, o árabe lhe disse. Põe a saca com os pães às costas, monta-se em cima, mas o pássaro era relativamente pequeno para ele se montar. Mas, pronto, agarrou-se. Quando ele pôs as mãos no pescoço do pássaro, nunca mais se lembrou de mais nada. Diz que, um grande sono e quando acordou, estava o sol a nascer. Olha à volta. Era a terra dos cristãos, as alfarrobeiras. Por conseguinte, encontrava-se em Silves. Vai a correr para casa e qual foi a alegria dos filhos e da mulher quando o viram. Ele só dizia à mulher:

- Não perguntes nada.

- Ó homem, como é que tu conseguiste? Ó homem, já te julgava morto.

Pronto, uma grande alegria, sim senhor.

- Então, e tu fugiste e não trazes nada. Como é que?

- Não trago nada. Não me perguntes nada. Estou aqui, não estou? São e salvo.

Pronto!

Entretanto subiu a uma arrecadação e foi guardar dentro de uma arca de madeira a tal dita saquinha, com os três pães. Pronto, esperou que viesse a lua cheia.

Entretanto, a mulher começou a ficar encucada.

- O que é que ele trouxe atado dentro de uma saca e foi pôr dentro da arca na arrecadação?

E a dada altura, a mulher já não conseguiu controlar a curiosidade e abriu mesmo a saca. Abriu a saca e viu três pães.

- Ó diabo! Para que é que aquele homem quer aqui os três pães? Será que os pães têm alguma coisa dentro?

Agarrou numa faca e furou um pão. Ao furar um pão, tirou a faca e espreitou no corte que fez no pão e aquilo era pão. Era igual, tal e qual.

- Não percebo. Pronto.

Atou outra vez a saca, meteu e não disse nada. Chegou a noite de lua cheia. Coitado do homem. Agarra nos três pães, na saca com os três pães e lá vai ele. Lá viu o poço, lá estava a alfarrobeira, tal como o mouro lhe tinha indicado e quando lá chegou, ele fez tudo certinho. Agarrou num pão e jogou-o ao poço e gritou:

- Zaira.

E nisto ouviu um bater de asas muito grande dentro do poço, sai um pássaro e viu-o a voar. Esperou um bocadinho, atirou o outro pão e gritou:

- Salomé.

Outra vez outro grande pássaro que sai. Por último, agarra no pão e atira-o e diz:

- Ariana.

Quando ele diz “Ariana”, não ouve nada e grita, outra vez:

- Ariana.

E ouve um choro muito grande, muito grande, muito grande, e o que é que ele vê, em cima do gargalo do poço? Uma menina sem uma perna. E a menina diz-lhe:

- A tua mulher cortou-me uma perna. Eu nunca poderei ser desencantada. Vou ficar aqui para sempre.

E, ainda mesmo a menina a chorar, desaparece. Ele olha para dentro do poço e já não viu a menina. O homem vem, realmente para casa, com o saco vazio, pronto, não disse nada a ninguém.

A verdade é uma, tudo quanto o homem comprava, tudo se desfazia. Comprava os animais, os animais morriam. As doenças levavam-lhe os filhos e então, conta a lenda, que o homem quando se viu já sem família e sem nada, ia chorar para junto do poço, porque foi realmente o castigo pela curiosidade da mulher que o árabe realmente lhe tinha dado.

Esta é a lenda de Silves e depois dizia-se, durante muitos e muitos séculos que, quem de noite passasse junto a esse poço, ouvia sempre uma menina chorar.

Informante: A lenda de Silves, dos três pães é escrita pelos historiadores que se dedicaram à recolha das lendas, e que praticamente em todas as lendas do Algarve esta lenda vem.

Lado A

Cassete nº1/2002/Ana Isabel Fernandes

Classificação: Lenda do sobrenatural

Título: [A moura encantada de Faro]

Informante: Marisa da Silva Fróis

Idade: 19 anos

Naturalidade: Rio Maior, concelho de Rio Maior, distrito de Santarém

Profissão: Estudante da Universidade do Algarve – Curso de Línguas e Literaturas Modernas (Português/ Espanhol), 2º ano

Local da recolha: Faro

Data da recolha: 28/12/2002

Coletora: Ana Isabel Ledesma Fernandes

Transcrição:

Ainda me lembro de outra que também tem a ver com... essa mais com a cidade de Faro mesmo. Mais especificamente, com a cidade de Faro que [é uma lenda]⁸ encantada e que se alguém, alguma vez, traduzir ou ler, não, não, não tenho bem a certeza, uma inscrição que está em árabe. Precisamente... junto... à doca de Faro, penso que é assim que se chama e, então, se alguém ler ou traduzir essa, essa inscrição em árabe... a moura fica desencantada e... [mas é na parte ali de quem vai para, para a Sé!? Na parte, na parte velha – questiona a coletora]. Sim, sim, exatamente, sim, sim, sim quando se sobe para a parte velha, exato. Há uma parte, geralmente as pessoas não, não, não olham muito, porque geralmente é as pessoas daqui que conhecem e que sabem, que está lá aquela placa, porque é uma placa que pela, pela sua, pela sua idade já passa muito despercebida e, então, as pessoas não ligam muito àquilo, não é?!

Informante: As lendas e histórias e pequenas narrativas que se contam são... foram-me transmitidas, geralmente, pelas pessoas mais velhas, algumas pelos pais, outras por tios

⁸ Não se entende, pois está mal gravado.

e há outras ainda que foram transmitidas de pais para filhos, etc., mas que me foram transmitidas por pessoas mais velhas.

Tema

Outros seres sobrenaturais

25

Lado A

Cassete nº5/2011/Elisabete Reis

Classificação: Lenda do sobrenatural

Título: A feiticeira

Informante: Dora Isabel Lopes Sequeira da Conceição

Idade: 31 anos

Naturalidade: Meda, concelho de Trancoso, distrito da Guarda

Habilitações literárias: 12º ano

Profissão: Vendedora

[Residência: Sítio dos Almarjões, Fonte Santa, freguesia de Quarteira]

Local da recolha: Vilamoura, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 06/05/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Informante: A feiticeira foi a minha avó que nos contava.

Coletora: Quando?

Informante: Quando eu era bebé... bebé... criança, sim criança, quatro, cinco anos...

Coletora: Quando é que ela, quando é que ela contava estas coisas? A fazer o quê?

Informante: No verão, quando ficávamos nos serões cá fora, geralmente éramos muitas crianças e eles iam falando cada um...

Coletora: Na rua, era na rua ou era em casa?

Informante: Era na rua.

Coletora: Não era durante as tarefas domésticas?

Informante: Não, não... É a história de, de uma mariposa ou uma borboleta que não deve entrar em casa à noite porque diz que é uma bruxa a visitar a tua casa, a ver as tuas coisas. E, depois, durante a noite quando estás a dormir, vem dançar para o teu telhado. Não a deves matar, porque mais tarde as bruxas atacam-te. É que eu me lembro.

Coletora: E por que é que ela contava estas histórias? Por que motivo?

Informante: Era, era para não matarmos, não andarmos sempre a matar os animais, os insetozitos, porque há alguns que fazem bem, acabam por comer os mosquitos, e essas coisas e, então, sempre ouvi...

Coletora: Mas no entanto está... a mariposa está conotada com bruxa, portanto, não seria assim propriamente uma coisa boa.

Informante: Não, mas eles ensinavam a não matar.

Coletora: E porque é que ela juntava a mariposa com a bruxa? O que é que, e acreditavas nisso, nessa altura?

Informante: Ah, nessa altura sim, quatro, cinco anos... [Risos]

Coletora: E tinhas medo?

Informante: Tinha medo, porque a casa dos meus avós era antiga e feita com madeira e a madeira faz barulhos, conforme vai envelhecendo e secando. E, durante a noite, quando ela contava essas coisas a gente passava a noite toda acordados a pensar...

Coletora: E hoje já não acreditas, nas bruxas?

Informante: Não acredito, mas respeito...

Coletora: Porquê?

Informante: Porque não acredito que haja bruxedo de magia, mas acredito que a conotação bruxedo, bruxa há por pessoas que te queiram fazer mal. Não por ser um poder mágico, mas por alguém te querer mal.

Coletora: Energias negativas, coisas assim?

Informante: Sim, exato.

Coletora: Maus-olhados, essas coisas?

Informante: Exatamente.

Coletora: Isso já, já acreditas, e já, já achas que pode existir? Agora pessoas que façam aquelas magias, aquelas orações, aquelas coisas para te prejudicar...

Informante: Não, isso não, isso só tem poder se tu acreditares. Pelo menos sempre me ensinaram isso.

Coletora: E agora neste momento não acreditas?

Informante: Não, não vejo, o que é que... qual é o objetivo de matar um animal, misturar com o sangue, com isto ou com aquilo, só estás a estragar comida, no caso, e a sujar o espaço, porque eu penso que não tenha nada a ver.

Coletora: E porque é que a tua avó contava essa história? Porque é que ela... era para vos meter medo ou era... porquê? Porquê? Porquê a mariposa e não a abelha?

Informante: Porque a mariposa vive à noite e atraem-se pela luz.

Coletora: E essas histórias eram contadas de noite?

Informante: Sim, sim, à volta de uma lareira, geralmente era lenha que se acendia na rua e nós estávamos em volta e eles iam contando essas histórias.

Coletora: Então, quer dizer que isso era para, para as crianças não matarem os animais, não é?

Informante: Exato.

Coletora: Para terem medo de matar os animais?

Informante: Para terem cuidado sim, para não, não andarem a matar...

Coletora: Ainda costumava contar a história?

Informante: Ah, sim, ao meu filho, ainda há pouco tempo contei.

Coletora: É? Porquê? Porque é que lhe contaste?

Informante: Por curiosidade só, porque ele adora animais e, então, quando eu lhe contei isso, ficou entusiasmado durante um monte de tempo.

Coletora: E estas histórias todas que tu tens aqui para me contar, tu gostas delas? Porque, porque é que sabes estas e não sabes outras? Porque é que te esqueceste de outras e ainda te lembras destas?

Informante: Porque essas marcaram-me mais e porque foi histórias que eu mais frequentemente ouvi, ou porque li, ou porque vi um filme, ou porque a minha avó voltou a referir, por alguma coisa...

Coletora: E porque é que te marcaram mais, porque tem a ver com etapas da vida?

Informante: Sim, eu acho que como já tínhamos conversado as, as histórias vão influenciando conforme a idade em que são contadas. Se te contarem uma história com uma idade, tu (com uma idade de cinco anos) provavelmente tu ficas com medo; com doze anos ficas com curiosidade, mas não ligas; com dezassete ou dezoito se calhar já levas mais a sério, mais à literal, mais à parte de alerta do mal que tu podes correr. Acho que vais interpretando a história de diferentes modos conforme vais crescendo.

26

Lado A

Cassete nº1/2003/Anabela Frade

Classificação: Lenda do sobrenatural

Título: Lenda do boto cor de rosa do Amazonas

Informante: Roseli Barfknerht, 29 anos

Naturalidade: Santa Catarina, região sul (Brasil).

Segundo a coletora, a informante é professora no Brasil, mas em Portugal trabalha num supermercado

Local da recolha: Santa Eulália, concelho de Albufeira, distrito de Faro

Data da recolha: 03/02/2003

Coletora: Anabela Zeferino Frade

Transcrição:

É sobre a lenda do boto cor de rosa do Amazonas. A história é que existem botos rosas no rio Amazonas. E esses botos, segundo consta, eles se transformam em homens muito bonitos, muito elegantes, que andam de terno branco, chapéu branco na cabeça e saem para conquistar ou para seduzir as virgens de determinado lugar. Depois que eles seduziram, engravidaram, eles largam, abandonam elas.

Mas há uns anos atrás, apareceu um noticiário na televisão, na rede Globo, onde alguns pescadores disseram que mataram um boto, que ele já tinha engravidado três mulheres e foi para um baile todo muito bem vestido. Chegando no baile ele encontrou o pai dessas, os pais dessas moças, e eles perseguiram[-no]. E ele correndo, acertaram um arpão nas costas dele e quando ele caiu, morto no chão, já não era mais um ser humano, era um boto.

Então, a lei do boto, a história do boto é explicada dessa forma, assim no Brasil.

Subgénero

Lendas sagradas

Tema

Milagre

Lado A

Cassete nº1/2002/Ana Isabel Fernandes

Classificação: Lenda sagrada

Título: [A estátua que não cabia]

Informante: Marisa da Silva Fróis

Idade: 19 anos

Naturalidade: Rio Maior, concelho de Rio Maior, distrito de Santarém

Profissão: Estudante da Universidade do Algarve – Curso de Línguas e Literaturas Modernas (Português/ Espanhol), 2º ano

Local da recolha: Faro

Data da recolha: 28/12/2002

Coletora: Ana Isabel Ledesma Fernandes

Transcrição:

Depois ainda conheço outra que... que tem... que me foi transmitida também por uma pessoa aqui do Algarve, que é a história de uma... de uma estátua que, que está também perto dessa parte antiga e que... era uma estátua que foi feita para... ser lá posta, mas que quando... foram colocar a estátua lá... a estátua não coube e, então... ele, eles num modo, pronto, muito cristão e coiso... rezaram para que a estátua coubesse lá e, no outro dia, quando foram lá pôr a estátua, a estátua, de facto, cabia lá, o que é muito estranho [ainda está lá isso? – questiona a coletora]. Está, está [por acaso nunca reparei – afirma a coletora]. A estátua está lá... e também, pronto, é uma coisa que passa muito despercebida, não é!? Porque mesmo que se repare, que a estátua está lá, que é uma estátua muito bonita [é uma estátua inteira, corpo inteiro? – questiona a coletora], sim, com... vamos lá, é uma estátua de corpo inteiro, mas... parecida àquelas que estão na igreja, não muito grandes, mas, vamos lá, o sítio onde ela estava, estava para ser posta também não é muito grande, ou seja, é, vamos lá, é como se fosse quase um milagre, não é? Eles faziam a estátua, a estátua primeiramente não cabia, depois... rezaram e a estátua já, já coube lá. [sim senhor, não conhecia essa, por acaso nunca reparei nisso – afirma a coletora], é verdade, por acaso... passando lá, com pessoas daqui da zona, não é? Que conhecem... é verdade.

Informante: As lendas e histórias e pequenas narrativas que se contam são... foram-me transmitidas, geralmente, pelas pessoas mais velhas, algumas pelos pais, outras por tios e há outras ainda que foram transmitidas de pais para filhos, etc., mas que me foram transmitidas por pessoas mais velhas.

Lado B

Cassete nº1/2003/Paula Almeida

Classificação: Lenda sagrada⁹

Título: [Castro Marim]

Informante: Maria Filomena Faísca Anastácio Ferreira

Idade: 58 anos

Naturalidade: Castro Marim

Residência: Faro

Profissão: Professora

[Habilitações literárias: Licenciatura]

Ouviu em pequena dos pais, avós e das pessoas de Castro Marim

Local da recolha: Faro

Data da recolha: 30/01/2003

Coletora: Paula Maria Santos Almeida

Transcrição:

Há uma que também é de Castro Marim, esta lenda inclusivamente hoje a igreja matriz de Castro Marim foi construída de um incêndio que teve aqui há uns anos, era uma igreja muito bonita erigida a Nossa Senhora dos Mártires. E ainda ao entrarmos nessa igreja, podemos ver do lado do coro uma trave e enleada na trave está uma corrente de ferro muito grossa, assim como da grossura do meu braço, aqui do meu pulso. Essa corrente de ferro tem uma história, que está ligada à lenda. E qual é... mesmo no incêndio conseguiu-se salvar a corrente por ser de ferro ela não derreteu. O que é que se diz à cerca dessa corrente? Diz-se que, na altura em que os árabes ainda estavam aqui fixos no Algarve, há um senhor dessa zona de Castro Marim, que teria sido levado, como cativo, para o norte de África. Foi levado como cativo, permaneceu em Tânger, durante alguns anos, só que ele, coitadito, todas as noites rezava a Nossa Senhora dos Mártires para que ela fizesse tudo para que ele, um dia, voltasse à sua terra.

Era bem comportado, era uma pessoa muito dócil, aguentou sempre todos os sofrimentos e os trabalhos forçados, aquilo que os árabes exigiram dele. Ele era um

⁹ Embora esta lenda tenha um aspeto etiológico no fim, ela é sobretudo uma lenda de um milagre da Virgem, devendo ficar no subgénero das lendas sagradas.

indivíduo que sabia da pesca. Um indivíduo, por conseguinte, que estava ligado à faina marítima e daí que os árabes, muitas vezes iam colher até ensinamentos, conselhos á cerca de determinadas formas de apanhar e até se diz que havia uma coisa que ele costumava ser exímio: era na apanha do polvo. Com os alcatruzes, os tais alcatruzezinhas, com o buraquinho no fundo. E, então, diz que esse homem, aquilo que ele fazia muito, quando ainda vivia aí nos esteiros do Guadiana, era apanhar o polvo. E, então ele ensinou a apanha do polvo a outros marítimos árabes.

O homem era muito dócil, rezava muito e há uma altura em que este homem, pois a sua fé nunca vacilou, e ele teve um sonho e o sonho foi este. Foi ele ter sonhado que, quando ele estivesse acorrentado (porque, todas as noites, para ele não fugir, os árabes faziam o seguinte: atavam os cativos, punham-lhe uma corrente ao pé), ele dormia na sua enxerga, mas sempre atado, que era para durante a noite, quando as sentinelas árabes estivessem a dormir eles não fugissem. Então ele teve um sonho: de que, se a sua fé continuasse a ser muito forte, Nossa Senhora o vinha buscar. E ele vivia sempre com esta ideia.

O que é que acontece?

Sabe-se que um belo dia, uma arca, com um homem deitado em cima da arca, com uma corrente atada a um pé, apareceu a boiar, de manhã muito cedo, no Guadiana. Os pescadores viram o homem a dormir. As pessoas olharam.

- Mas o que é aquilo, que é aquilo?

Aproximaram-se, o homem acorda e toda a gente diz:

- Tu, de onde é que tu vieste?

E o homem assustado. Só que ele ouve cantar o galo e diz:

- Eu estou em terra cristã.

E, então, o homem contou que ele tinha-se deitado, tinha, como todas as noites fazia, rezado a Nossa Senhora dos Mártires, e pronto, tinha adormecido, com a corrente ao pé, como faziam. E como estavam no Inverno, a enxerga era no chão e o chão era muito húmido, os próprios árabes tinham umas caixas grandes de madeira, que serviam de salgadeiras para salgarem o peixe e, então, como estavam no Inverno, punham a enxerga em cima da arca. E ele tinha-se deitado em cima da arca, com a tal dita corrente ao pé e tinha adormecido. Nossa Senhora tinha feito vi-lo sobre a água e trouxe-o à sua terra, em Castro Marim.

O homem chega aí e, não há dúvida nenhuma, tinha sido um milagre. A corrente é tirada e a corrente está na Igreja de Nossa Senhora dos Mártires. Essa é a lenda. Exato.

Quem... ah, só me esqueci aqui de dizer uma coisa... que é muito importante. É que o homem estava deitado e, em geral, os, os prisioneiros tinham o tornozelo atado à corrente e também havia a sentinela que tinha a outra parte da corrente atada ao pulso. De maneira que o homem tinha a corrente atada ao pé e a sentinela a outra ponta da corrente atada ao pulso. Só que ele veio com o mouro. Veio ele e veio o mouro. Então, a zona em Castro Marim, aonde encontraram a arca, que é um esteiro do Guadiana, ele deitado e o mouro ao lado dele, ambos ligados com a mesma corrente, chama-se hoje o mouro, chama-se Mouro Vaz. É essa, essa terra chama-se Mouro Vaz, porque o mouro chamava-se Vaz. E ainda hoje quem for a Castro Marim ouve dizer assim:

- Olha ali à saída da ponte, aquela zona chama-se o Mouro Vaz.

Por que é que se chama Mouro Vaz? Porque está ligada à lenda, cuja corrente está na igreja de Nossa Senhora dos Mártires.

Informante: Esta é uma concreta, que eu desde pequenina ouvi contar, esta é, esta é uma concreta que eu desde pequenina ouvi contar, esta não li em lado nenhum, esta foi mesmo ouvindo contar...

Subgénero

Lendas “urbanas”

Tema

Alimentação

29

Lado A

Cassete nº5/2011/Elisabete Reis

Classificação: Lenda “urbana”

Título: Cuidado com as misturas

Informante: Dora Isabel Lopes Sequeira da Conceição

Idade: 31 anos

Naturalidade: Meda, concelho de Trancoso, distrito da Guarda

Habilitações literárias: 12º ano

Profissão: Vendedora

[Residência: Sítio dos Almarjões, Fonte Santa, freguesia de Quarteira]

Local da recolha: Vilamoura, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 06/05/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

O mentos e a coca-cola... é para alertar com as misturas, para ter cuidado com as misturas que fazes, quando saís à noite. Também o objetivo, eu penso que seja esse. E é a história de um moço que sai à noite, nas farras da universidade, dão-lhe cerveja, dão-lhe coca-cola e, depois, no tubo, que vê-se muito nessas coisas das, das praxes, metem uns, uns coisinhos de mentos, o que os faz espumar.

Coletora: E isso leva à morte já agora?

Informante: Ah, penso que sim, pelo menos alerta...

Coletora: E já viste isso acontecer?

Informante: Não. Já vi acontecer a experiência, isso é verdade. Se tu meteres coca-cola numa garrafa, numa garrafa... numa garrafa de coca-cola tirares a tampa e puseres lá mentos vais ver que ela, ao fim de um tempo, explode, dá um jacto para, para fora.

Coletora: E onde é que ouviste isto? Onde é que ouviste esta história? Com quem é que aprendeste?

Informante: Esta história ouvi num filme.

Coletora: Num filme?

Informante: Num filme.

Coletora: Ah, ok. E, E qual é a mensagem que está por detrás disso? É cuidado com o que tu tomas?

Informante: “Com as misturas, sim, é para ter cuidado com as misturas, penso eu, que é para ter cuidado com as misturas, porque geralmente os adolescentes ou... têm... tudo o que vem à rede é peixe e comem tudo e mais alguma coisa.

Tema

Mortes violentas

30

Lado A

Cassete nº5/2011/Elisabete Reis

Classificação: Lenda “urbana”

Título: Abre os olhos

Informante: Dora Isabel Lopes Sequeira da Conceição

Idade: 31 anos

Naturalidade: Meda, concelho de Trancoso, distrito da Guarda

Habilitações literárias: 12º ano

Profissão: Vendedora

[Residência: Sítio dos Almarjões, Fonte Santa, freguesia de Quarteira]

Local da recolha: Vilamoura, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 06/05/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Isso também foi na universidade e era... sim, os colegas... noites que nós ficávamos no gozo, que iam contando... em que contavam que era uma moça que entrava no carro, ia a conduzir e, depois, de repente, um homem atrás matava-a com uma faca, degolava-a. E é tudo o que me lembro, não me lembro de mais.

Coletora: Que mensagem é que está por detrás já que dizes isso assim: abre os olhos? Que tipo de mensagem é que está por detrás desta história?

Informante: Acho que é para, para confirmares sempre se estás realmente segura, não teres um dado adquirido de que estás segura só porque o carro está fechado. Pode realmente uma pessoa estar no banco atrás, estar numa parte escura, querer-te fazer mal e tu, simplesmente, nem olhares para verificar se há lá alguma coisa.

Coletora: E acreditas neste género de histórias?

Informante: Nesta eu acho que é mais facilmente... pode acontecer, não para te matar, porque não tem grande objetivo, isso é maldade pura, mas pode ser o objetivo de te alertar para outras coisas, porque essa pessoa pode-te querer violar, pode-te fazer mal, pode-te querer roubar, várias coisas, mas matar, acho que isso já é mais raro.

Coletora: E por que é que será que acontece com uma mulher, nesta história? Na outra vez era um rapaz, um rapaz tem de ter cuidado, porque as mulheres são sedutoras. Neste caso, é uma mulher, que tem que ter cuidado... por que é que será que não é um homem, neste caso?

Informante: Olha, sinceramente, nem nunca pensei nisso. Mas realmente é sempre esta... esta é sempre uma mulher que vai à frente e o que está atrás é sempre um homem que ataca.

Coletora: Mas por que é que será, será que a mulher é mais indefesa, o que é que...

Informante: Penso que sim, acho que uma mulher é mais indefesa ou, então, a mulher é menos precavida, não, não sei...

Coletora: É menos provável que aconteça com um homem isso?

Informante: Não sei, se calhar é a informação que eles querem passar. Por o homem ter mais força ou de tentar lutar ou, ou é mais raro uma mulher... imagina, se fosse o objetivo de alertar contra uma violação, por exemplo, uma mulher não vai ir atrás de um carro para depois violar o homem... mais tarde, não é, quer dizer... é um bocado improvável [Risos] agora um homem atrás para violar uma mulher já é mais plausível, mais aceitável, não é?

Coletora: Ainda contas esta história a alguém? Já a contaste assim a alguém?

Informante: Sim, para ter cuidado, só para, para olhar... eu própria de vez em quando olho só para confirmar que não há nada...

Coletora: Levas isto em consideração?

Informante: De vez em quando, dependendo do sítio...

Coletora: O facto de ouvires estas histórias faz-te alertar e ficar mais consciente dos perigos?

Informante: Sim, principalmente se for de madrugada ou se sair muito tarde... sim.

Coletora: Achas que estas histórias devem de ser contadas?

Informante: Acho que sim.

Coletora: Porquê? Para alertar as pessoas?

Informante: Sim, claro, para as pessoas terem uma consciência social de que não é tudo um mar de rosas, que pode acontecer maldades e pode haver mal nas pessoas e que nós devemos estar sempre com atenção.

31

Lado A

Cassete nº5/2011/Elisabete Reis

Classificação: Lenda “urbana”

Título: A vingança

Informante: Dora Isabel Lopes Sequeira da Conceição

Idade: 31 anos

Naturalidade: Meda, concelho de Trancoso, distrito da Guarda

Habilitações literárias: 12º ano

Profissão: Vendedora

[Residência: Sítio dos Almarjões, Fonte Santa, freguesia de Quarteira]

Local da recolha: Vilamoura, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 06/05/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

[Risos]... Isso, também, contaram na universidade.

A história conta que para... uns colegas para se vingarem de uma colega pegaram o cão dela e meteram-no no micro-ondas. Quando... e chegaram ao pé dela e disseram para ir aquecer comida, ela chegou, ligou o micro-ondas sem saber o que é que estava lá e ela própria matou o próprio cão.

Coletora: Ok, e isso aconteceu aqui mesmo nesta universidade cá em baixo ou isso aconteceu...

Informante: [Risos]... contaram, não sei se aconteceu ou não, porque isso já contaram já há uns dez anos para aí. Penso que não tenha acontecido não é, porque é um bocado...

Coletora: E não acreditaste?

Informante: Inacreditável, não é? Quer dizer, um cão, é preciso ser um canito, um chiwawa... [Risos] que caísse no micro-ondas...

Coletora: Não acreditaste na altura, se calhar achas-te mais piada?

Informante: Não... achei piada, achei engraçado só, mas não acreditei.

Coletora: Como é que a pessoa não ia notar que estava um animal, não é, quer dizer...

Informante: Quer dizer ou o animal estava lá fechado e não latia não, não fazia nada...

Coletora: Esta aqui costumava contar a alguém ou é como a outra que é pouco plausível e então...

Informante: É, não, pouco referenciada, sim...

Coletora: E, então, porque é que te lembras, é só porque é divertida?

Informante: É [Risos] é parva!

Coletora: Ok. E o que é que achas que está por detrás desta história? Que tipo de mensagem é que... porque é que as pessoas contarão isto?

Informante: [Risos]... Para não fazeres mal ao outro, acho que é isso porque... como é que é? A vingança é um prato que se come frio, não é? Se fazes mal, o mal vem atrás de ti, então, é para não fazeres mal às outras pessoas, que ninguém te faz mal a ti.

32

Lado A

Cassete nº5/2011/Elisabete Reis

Classificação: Lenda “urbana”

Título: O enforcado

Informante: Dora Isabel Lopes Sequeira da Conceição

Idade: 31 anos

Naturalidade: Meda, concelho de Trancoso, distrito da Guarda

Habilitações literárias: 12º ano

Profissão: Vendedora

[Residência: Sítio dos Almarjões, Fonte Santa, freguesia de Quarteira]

Local da recolha: Vilamoura, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 06/05/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

A história do enforcado é um casal de namorados, que vai para o mato namorar e, entretanto, estão a namorar e, entretanto, começam a ouvir barulhos no teto do carro. Quando eles acabam por sair para verificar o que é o barulho, veem um homem enforcado com os, os pés a bater no teto no que fogem. Entram no carro e desatam a correr. Ao desatarem a fugir com o carro, o homem morre mesmo enforcado com... que ele estava a apoiar-se no teto do carro.

Coletora: E onde é que ouviste esta história pela primeira vez?

Informante: Li e depois vi num filme.

Coletora: Ah, ok... leste? Leste onde?

Informante: Num livro que é Lendas Urbanas...

Coletora: Que livro é esse já agora? Que título?

Informante: É uma capa dura. Diz mesmo Lendas Urbanas.

Coletora: Hum, ok, nunca... não foi porque ninguém te tivesse contado?

Informante: Não. Não, esta não. Quer dizer, comentámos depois de ver isso, eu falei: ah, sim, sim eu conhecia porque fulano falou, mas...

Coletora: Ah, quer dizer, outras pessoas já, já, já tinham, não tinham lido, mas tinham ouvido alguém dizer, é isso?

Informante: Sim, sim, sim...

Coletora: Ah, tu é que leste? Tu em particular.

Informante: Sim, eu, eu, eu li...

Coletora: Ah, ok... ok... ah, e qual é a mensagem que está por detrás desta história? Acreditas que ela existe, que isto tenha mesmo acontecido?

Informante: Penso que não, porque é muito improvável, como é que uma pessoa se pendura no teu, no tejadilho do carro e tu não sentes...? Como é que a pessoa chega lá num galho...? Acho que é um bocado improvável acontecer...

Coletora: E qual é a mensagem que está por detrás disso? O que é que tu achas que isto...

Informante: É para os namorados não irem para sítios isolados, penso que o objetivo seja esse. Porque, geralmente, quando chegas a essas, essas alturas de namorar, de procurar contacto físico vais para sítios isolados onde possas ter privacidade e além de... pode correr tudo bem, como pode fazer, podem-te fazer mal.

Coletora: Exato. E acreditas que isso possa ser mesmo assim? Que, que, que as pessoas têm de ter cuidado e que...

Informante: Claro! Então, um dos maiores assassinos da América cometeu os assassínios dele, os assassinatos dele com namorados que iam para sítios isolados.

Coletora: Exato. E, e ainda contas esta história a alguém ou não...?

Informante: Não esta, pouco, pouco, pouco conto.

Coletora: E porque é que contas pouco? Porque é que contas outras?

Informante: Porque acho que é mais... é menos plausível, simplesmente...

Coletora: É? As outras são mais plausíveis as que contaste até agora?

Informante: Penso que sim. Esta é menos plausível, porque... porque, quer dizer, uma pessoa enforcar-se no teu tejadilho e tu saíres e, quer dizer... está uma enforcada e tu saís com o carro, quer dizer, é muito improvável.

Coletora: Mas os namorados sabiam que esse estava enforcado lá em cima?

Informante: Estava agarrado por uma corda e eles não sabiam ao certo o que era, olharam, viram uma pessoa e foram embora.

Tema

Discriminação

Lado A

Cassete nº5/2011/Elisabete Reis

Classificação: Lenda “urbana”

Título: A história do homem-macaco

Informante: Dora Isabel Lopes Sequeira da Conceição

Idade: 31 anos

Naturalidade: Meda, concelho de Trancoso, distrito da Guarda

Habilitações literárias: 12º ano

Profissão: Vendedora

[Residência: Sítio dos Almarjões, Fonte Santa, freguesia de Quarteira]

Local da recolha: Vilamoura, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 06/05/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

A história do homem macaco foi contada pelo meu avô. E é mesmo da minha, da terra do meu avô: Aveloso. E é a história de um senhor... (é um sítio)... podes ir à *Internet*, o meu avô está lá a descrever a história. Joaquim. Joaquim Sequeira. Ele está lá, faz parte de um grupo que está a contar a história, de um grupo que são as pessoas idosas, que estão a contar a história e a descrever.

Então, essa história baseava-se num homem, que veio de, de África, muito, muito peludo, que eles chamavam de lobisomem. Porque o homem não tinha fala, não tinha conversa, então só fazia ruídos. E ao fazer ruídos, assustava as pessoas, era bruto, e, e então eles diziam que era o lobisomem. Diziam para nós não andarmos na rua, que depois o lobisomem nos atacava. Não era na minha... não foi... quando eu era criança esse homem já não existia. Soube agora, porque eu conversei com o meu avô, há pouco tempo, que esse homem era um homem com deficiências e com problemas psicológicos, que foi mesmo para lá, existiu esse homem, mas depois foi tratado e internado e voltou para lá. Simplesmente, nunca chegou a ter modos de vida nem nada e, ao fim de um tempo, acabou por morrer, falecer, mas é uma história verídica, que existiu e é uma pessoa que existiu.

Coletora: Lá da tua terra?

Informante: Sim.

Coletora: E esse homem era negro ou era branco? Veio de África...

Informante: Era branco...

Coletora: Branco... e porque era lobisomem? Porque é que as pessoas chamavam ele de lobisomem? Porque era muito...

Informante: Porque tinha muito pelo, muito pelo mesmo, ele [avô] dizia que era mesmo muito cabelo, mesmo facial e tudo. O corpo dele e a cara toda, pedaço de pele era todo coberto de pelo.

Coletora: Isso foi mais ou menos há quantos anos? Quando o teu avô tinha que idade? Isso não sabes, não é?

Informante: Não sei, sei para aí um moço novo... se calhar, eram os meus pais uns moços novos e ele devia ter para aí uns trinta, trinta e poucos anos.

Coletora: E porque é que achas que veio de África e não veio da América? Porquê África?

Informante: Porque nós tínhamos mais ligações, na altura, com África, foi na altura também da, da guerra. Da guerra com, com, com Angola.

Coletora: E como é que essa pessoa veio cá parar? Foi...

Informante: Foram, foi uma senhora de Aveloso, que é uma doutora, que trouxe ele de lá.

Coletora: E acreditas nessa história? Mesmo que o teu avô a tenha contado acreditas que ela tenha mesmo acontecido?

Informante: Pensando que pode ser uma pessoa desequilibrada mentalmente, pode ser uma pessoa que sim tenha muito pelo... muito, uma pilosidade grande e sim... pode ser. Pode ter acontecido, agora daí até ligarem a um lobisomem, um lobisomem com garras e não sei o quê, não, isso não.

Coletora: Acreditas em lobisomens? Achas que existem?

Informante: Não, não acredito... acho que é simplesmente um nome que, ao longo dos anos, foi atribuído a pessoas que nasciam ou que cresciam com muito pelo.

Coletora: E por que é que será que as pessoas contam essa história? Há alguém que conte essa história ainda ou isso...?

Informante: Há, há, há... há se fores lá...

Informante: Mas é só lá da zona?

Coletora: Só lá da zona...

Informante: Não há ninguém mais que conheças que, que tenha uma história desse género?

Informante: Não, ah, não sei... não, não que eu conheça, não, não.

Coletora: Portanto, é uma história ligada àquela terra?

Informante: Àquela terra sim, ligada lá.

Coletora: Mas as pessoas todas lá da zona conhecem essa história do homem macaco e...

Informante: Sim, sim, se fores lá, falares com pessoas idosas de lá, toda a gente sabe referenciar o que o homem... quem, o que é, e quem foi o homem macaco.

Coletora: E o que é que... que tipo de mensagem estará por detrás desta história?

Informante: Ah, não sei... não sei... é para a gente se calhar não... para as pessoas não, não avaliarem o, o livro pela capa, penso eu, ou seja, a pessoa por ser desequilibrada a nível psicológico ou por ter pelo a mais não, não se deve ostracizar, deve-se sempre ver o porquê que é assim, tentar ajudar, penso eu que seja por isso.

Tema

Roubo de órgãos

Lado B

Cassete nº5/2011/Elisabete Reis

Classificação: Lenda “urbana”

Título: Cuidado com a loja dos chineses! Roubo de órgãos

Informante: Sara Mónica Lourenço de Almeida

Idade: 16 anos

Naturalidade: Faro, concelho de Faro, distrito de Faro

Habilitações literárias: 11º ano

Profissão: Estudante

Residência: Vilamoura

Local da recolha: Vilamoura, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 06/05/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Os chineses. Essa história foi contada quando eu andava ainda... essa, essa história foi-me contada na escola, no sétimo ou oitavo ano. Foi contada por amigas, mas eu acho que é mentira. Não é verdade. Porque foi na altura em que os chineses começaram a vir para Portugal. Foi na altura em que começaram a abrir muitas lojas e acho que as pessoas só tinham... porque é uma raça mais desconhecida, só tinham medo e que não é verdade. A história consiste em que os chineses apanham sei lá, mulheres que estejam sozinhas ou crianças, que eles têm uma cave, e apanham lá pessoas que estejam sozinhas na cave e, depois, têm um sítio escondido onde levam, anestesiaram a pessoa e roubam-lhe órgãos.

Coletora: E qualquer pessoa?

Informante: Qualquer pessoa que esteja mais... que esteja sozinha, que seja mais acessível, que ninguém vá dar logo por falta dela.

Informante Dora: Mais fraca fisicamente.

Informante: Isso, mais fraca...

Coletora: E por que é que será que contam esta história?

Informante: É o que a... acho que foi... as pessoas tinham medo dessa raça na altura...

Coletora: Que pessoas, quais, quais pessoas?

Informante: As pessoas em si, os portugueses.

Coletora: Os portugueses?

Informante: Sim... na altura, porque nós estávamos a ser...

Informante Dora: Às vezes, penso que não seja só medo... no caso, acho que também tem a ver com a economia. Eles vieram roubar muito comércio, ou a maior parte das pessoas pensa que eles vieram roubar muito comércio aos portugueses. Então, foi uma maneira se calhar de travar um bocadinho a influência que eles tiveram a nível de compras e de vendas.

Coletora: Exato. E com quem é que aprendeste? Foi com os teus colegas? Foi na escola?

Informante: Sim, foi com uma... sim, exato foi, foi com amigos.

Coletora: E tu acreditas nessa história?

Informante: Não!

Coletora: Não achas que, que hajam pessoas a fazer isso?

Informante: Acho que há pessoas que fazem isso, mas...

Coletora: Mas não os chineses?

Informante: Mas... podem até ser chineses, mas não aqueles...

Informante Dora: Isso há em todas as raças, não é por ser chinês que te vai fazer isso.

Informante: Exato.

Informante Dora: Quer dizer, maldade há em todas as raças, não é só um tipo de maldade, não é?

Coletora: Gostas desta história?

Informante: Gosto... não sei, na altura, na altura, meteu-me medo, porque era mais nova. Só mais tarde é que eu percebi que era só uma invenção. Talvez para nos afastarmos dos chineses, não sei.

Coletora: E ainda contas esta história ou...?

Informante: Não, esta história já estava mesmo escondida, já...

Coletora: E por que é que te lembras desta e não te lembras de outras? Porquê esta em particular?

Informante: Talvez essa teve mais, tenha tido mais impacto, porque eu era nova e foi a tal coisa... ainda não conhecíamos bem a raça dos chineses, fiquei com medo e, então, guardei...

Coletora: Achas que as pessoas têm medo do que é, do que é estrangeiro, do que é novo?

Informante: Sim, enquanto não se conhece, as pessoas têm medo.

Informante Dora: do que é diferente...

Coletora: Do que é diferente? É? Mas isso é geral? Somos todos, somos todos assim?

Informante Dora: É como o tal senhor homem macaco, quer dizer, é por ser diferente, é diferente, as pessoas não têm... penso que o ser humano não é... tem mais cuidado... ou seja, quando era nos Descobrimentos, cada etapa nova era sempre um mito a ultrapassar, era sempre qualquer coisa que havia, que não se podia passar ali... lá havia uma alma por outra que era mais corajosa e que passava. Mas ocorriam acidentes e montes de coisas para ser ultrapassado... quer dizer...

Coletora: Então, estas, estas histórias podem ser etapas que as pessoas tenham que ultrapassar, pode ser entendido assim?

Informantes Dora e Sara: Acho que sim!¹⁰

¹⁰ As informantes Dora e Sara dizem em uníssono a mesma frase.

35

Lado A

Cassete nº5/2011/Elisabete Reis

Classificação: Lenda “urbana”

Título: O roubo de órgãos

Informante: Dora Isabel Lopes Sequeira da Conceição

Idade: 31 anos

Naturalidade: Meda, concelho de Trancoso, distrito da Guarda

Habilitações literárias: 12º ano

Profissão: Vendedora

[Residência: Sítio dos Almarjões, Fonte Santa, freguesia de Quarteira]

Local da recolha: Vilamoura, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, distrito de Faro

Data da recolha: 06/05/2011

Coletora: Elisabete Andrade Reis

Transcrição:

Bem, a história é... um grupo de amigos sai à noite e um, um dos amigos acaba por beber de mais e durante a noite desaparece. Claro que nenhum dos outros estranha, porque é um homem e acaba por sair com outras raparigas, por isso é normal, os homens são vadios¹¹. E, e então a história é acerca de moças que seduzem os rapazes e quando eles estão distraídos põem soníferos, soníferos nas, nas bebidas com o objetivo de os pôr a dormir, quando os seduzem, não é? Pôr a dormir, enquanto estão a dormir, abrem, retiram o órgão [do corpo] que querem ou vários órgãos e põem-nos [os homens] numa banheira com gelo. Eles acordam numa banheira de gelo e, depois, alguns safam-se, outros não. Depende se alguém ou se eles conseguem pedir socorro ou não.

Coletora: Acreditas nessa história?

Informante: É provável que possa acontecer. Muitas vezes... não sei se em Portugal, não sei...

Coletora: Porquê? Já ouviste falar que acontecia mesmo ou, ou...

¹¹ A informante fez esta observação a sussurrar.

Informante: Nunca conheci ninguém a quem acontecesse, mas já ouvi falar que há muitos casos que isso aconteceu.

Coletora: E porque é que será que roubam órgãos e não outras coisas quaisquer?

Informante: Porque no mercado negro os órgãos são muito caros.

Coletora: Ok. E o que é que está por detrás desta história? Porque é que será que contam esta história? Qual será a mensagem?

Informante: O objetivo da história é alertar para que as pessoas, para que os moços ou moças, não é? Neste caso, que também pode ser [moças], mas é mais frequentemente os homens... não pensem com a cabeça de baixo, mas sim com a de cima e se alertem para que não deixem os copos descuidados, para que vejam o que é que estão a beber, e para que tenham atenção com quem saem, não com qualquer uma, para que isso não aconteça.

Coletora: E porque é que será que acontece com homens, não acontece com raparigas também?

Informante: Porque os homens têm mais confiança de que são homens, e que não vai acontecer nada, e que vão com mulheres e que são seres mais fracos, mais frágeis e que não acontece nada.

Coletora: Não conheces nenhuma história inversa em que é a mulher é que lhe é tirado o órgão?

Informante: Ah, conheço... já vi em alguns sítios, já ouvi, mas a história é mais frequentemente contada com o homem como vítima.

Coletora: Pois, porquê? Porque... será porque a mulher é sedutora, será por isso? É mais fácil enganar o homem?

Informante: Sim, porque a mulher é mais desconfiada, geralmente dá menos confiança na noite e o homem, se a mulher for atraente, é mais facilmente seduzido e levado a ir com a pessoa para um, para um hotel, para um bar, para seja onde for e acontecer isso.

Coletora: E também porque não podem dizer que não, não é? O seu orgulho masculino, não é?

Informante: Depende, há alguns sim.

Coletora: Onde é que ouviste esta história pela primeira vez ou quem é que te contou?

Informante: É assim, eu, a primeira vez, ouvi essa história de colegas minhas da universidade.

Coletora: E, na altura, acreditaste mesmo que isso acontecia? E hoje ainda acreditas?

Informante: Ah, acredito que é uma possibilidade de acontecer, sim.

Coletora: E costumava contar estas histórias? Ou é só aqui?

Informante: Ah, não, conto as histórias se referirem, ou se acontecer, se for o assunto, mas não é um assunto que eu puxe.

Coletora: Não é assunto que tu fales com os teus filhos, por exemplo?

Informante: Não.

Coletora: Para dar exemplo...

Informante: Por enquanto não, porque eles são muito novos, se calhar mais para a frente, para tomarem atenção.

Coletora: Gostas deste tipo de histórias?

Informante: Gosto, acho que têm sempre um objetivo, por isso sim, gosto.

Tema

Terroristas

36

Lado A

Cassete nº3/2005/Ana Cabrita

Classificação: Lenda “urbana”

Título: [O terrorista agradecido]

Informante: Ana Filipa Coelho Cabrita

[Idade: 21 anos]

[Naturalidade: S. Bartolomeu de Messines]

[Profissão: Estudante]

[Habilitações literárias: 12º ano]

[Localidade onde aprendeu o texto: S. Bartolomeu de Messines]

[Com quem aprendeu o texto: mandaram-me pelo email]

[Quando se recitava ou cantava o texto: quando acontece algo contra os americanos porque a marca Coca-Cola é americana]

[Motivo porque gosta do texto: por ser um aviso]

Local da recolha: S. Bartolomeu de Messines

Data de recolha: 14/01/2005

Coletora: Ana Filipa Coelho Cabrita

Transcrição:

Esta lenda é sobre a Coca-Cola. Então é assim: normalmente conta-se que é uma senhora que vai a passar na rua e encontra uma carteira no chão. E então abre a carteira para encontrar alguma identificação do dono da carteira. Assim encontra um cartão com um número de telefone e telefona para esse mesmo número e assim atende um homem muito simpático em que a senhora lhe diz que encontrou uma carteira que seria dele. O senhor fica muito contente por a senhora ter encontrado a sua carteira porque continha todos os seus documentos e algum dinheiro. Combinam um sítio para se encontrarem para a senhora devolver a carteira. Quando se encontram o homem tenta recompensá-la com dinheiro por tê-la encontrado mas a senhora recusa depois de tanta persistência.

Então, o homem vendo que a senhora não queria nada em troca dá-lhe um conselho: para não beber Coca-Cola durante algum tempo porque iria estar envenenada.